

CASA SÓBRIA

Centro de Formação, Terapia e Reintegração Social para Dependentes Químicos

Cyndia Eduardo Namburete

Espaços de Cura: O papel da arquitectura na criação de espaços para recuperação e reintegração social de dependentes químicos

“Entrei no mundo das drogas por causa de amigos, e daí não voltei mais para casa”

- Cíntia (Toxicod dependente)

*“Eu preciso de parar e voltar a estudar, mas não tenho meios de como parar e como voltar a estudar,
porque não tenho ninguém que me possa ajudar”*

- Adão Khan (Toxicod dependente)

“Ele quando chega, não é aquele marido que dá atenção a esposa e as crianças. Chega faz barulho, me bate as vezes. Eu já fui várias vezes a esquadra porque ele leva coisas aqui para vender”

- Julia Macamo (esposa de toxicodependente)

Título: Casa Sóbria: Centro de Formação, Terapia e Reintegração Social para Dependentes Químicos
Tema: Espaços de Cura: O papel da arquitectura na criação de espaços para recuperação e reintegração social de dependentes químicos.

Autora: Cyndia Eduardo Cardoso Namburete
Supervisor: Arq. Vítor Tomás

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico
Linha temática de Arquitectura

2025



DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Cyndia Eduardo Cardoso Namburete, estudante regularmente matriculada no curso de Arquitectura e Planeamento Físico, na Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane, venho por meio desta declarar solenemente que o trabalho de conclusão de curso intitulado **“Casa sóbria: Centro de formação, terapia e reintegração social para dependentes químicos”**, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura, é fruto de minha autoria. Esta declaração é feita de acordo com minha consciência e respeito pelos valores éticos e académicos que regem a comunidade científica e académica. Estou ciente das consequências legais e académicas decorrentes de qualquer violação dos princípios aqui expressos.

Cyndia Eduardo C. Namburete

TERMO DE APROVAÇÃO

Monografia submetida ao júri, designado pela Coordenação do TCC da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Arquitectura e Planeamento Físico.

Monografia aprovada em: Maputo, 10 de Junho de 2025.

Mest. Vítor Tomas, Arq.
Universidade Eduardo Mondlane

Lic. Vito Mussagy, Arq.
Universidade Eduardo Mondlane

Lic. Jaime Gouveia, Arq.
Universidade Eduardo Mondlane



AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e a colaboração de várias pessoas e instituições, às quais expresso minha profunda gratidão.

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu supervisor e professores pelo conhecimento transmitido, pela orientação dedicada e pelas valiosas contribuições ao longo do desenvolvimento deste projecto.

À minha família, pelo apoio constante, incentivo e compreensão em todos os momentos desta jornada. Agradeço também às instituições que me receberam para visitas técnicas e partilharam experiências fundamentais para a construção deste trabalho, especialmente aos centros de reabilitação e aos grupos dos Narcóticos Anónimos e Alcoólicos Anónimos, pela abertura e disponibilidade.

Reconheço, ainda, a importância das conversas e trocas com colegas e amigos, que foram fonte de motivação e reflexão em diferentes etapas deste percurso.

A todos, o meu sincero obrigada.



RESUMO

Este trabalho apresenta a proposta de implantação de um centro de formação, terapia e reintegração social para dependentes químicos no bairro da Mafalala, em Maputo. A escolha do local se fundamenta no seu valor histórico-cultural e na crescente vulnerabilidade ao problema das drogas. Devido à escassez de terrenos disponíveis, foi adoptada uma estratégia de reassentamento in-situ: famílias que actualmente ocupam o terreno do futuro centro serão realocadas para habitações sociais construídas em áreas do bairro com edificações degradadas. A proposta apoia-se em referências nacionais e internacionais de centros de reabilitação e busca oferecer, além do tratamento, actividades de formação e reintegração social por meio de terapias ocupacionais como carpintaria, serralharia e artesanato. O centro pretende integrar-se ao contexto urbano e comunitário da Mafalala, promovendo inclusão, dignidade e novas oportunidades de vida para os beneficiários



ABSTRACT

This work presents the proposal for the implementation of a center for training, therapy, and social reintegration for people with substance dependence in the Mafalala neighborhood, in Maputo. The site was chosen due to its historical and cultural significance, as well as its growing vulnerability to drug-related issues. Given the lack of available land, an in-situ resettlement strategy was adopted: families currently occupying the future center's site will be relocated to social housing built in areas of the neighborhood where existing structures are in poor condition. The proposal draws on national and international references of rehabilitation centers and aims to offer not only treatment but also training and social reintegration activities through occupational therapies such as carpentry, metalwork, and crafts. The center seeks to integrate into Mafalala's urban and community fabric, promoting inclusion, dignity, and new opportunities for its beneficiaries.



DELIMITAÇÃO DO TEMA

Este projecto foca-se no desenvolvimento de um centro de terapia, formação e reitegração social para pessoas com dependência química, no bairro Mafalala, em Maputo. O projecto limitou-se na criação de espaços específicos para actividades em grupo, individuais, educativas e profissionais, com o objectivo de promover a reconstrução emocional, social e profissional dos usuários tendo em consideração as necessidades psicológicas e sociais dos dependentes químicos, priorizando a funcionalidade dos espaços e a criação de ambientes que incentivem o auto desenvolvimento, o fortalecimento de laços comunitários e a

reintegração na sociedade, baseando-se nos princípios da arquitectura terapêutica.

O centro está voltado principalmente para dependentes químicos, mas também abrange as famílias desses indivíduos, que também são afectadas pelo impacto social e económico do vício. O projecto considerou a necessidade de reassentar as famílias que serão impactadas directamente pela criação do centro, buscando soluções que minimizem os efeitos do reassentamento e promovam a integração dessas pessoas ao novo contexto social.



OBJECTIVOS

Geral:

Desenvolver um projecto para a construção de um centro de terapia, formação e reintegração social para dependentes químicos

Específicos:

- Projectar ambientes que atendam às necessidades psicológicas e sociais dos dependentes químicos, aplicando os princípios da arquitetura terapêutica.
- Desenvolver áreas de convivência que promovam a interação social e o fortalecimento de vínculos comunitários.
- Implementar o reassentamento in-situ das famílias afetadas pelo projeto, garantindo sua permanência no bairro, com soluções arquitectônicas que favoreçam a integração social e minimizem os impactos do deslocamento.
- Valorizar o patrimônio cultural e histórico do bairro Mafalala, respeitando suas características arquitectônicas e sociais, através de uma intervenção que integre o novo centro com o contexto urbano e histórico local.
- Incorporar estratégias de sustentabilidade ambiental, como o aproveitamento de recursos naturais, a utilização de materiais locais e soluções passivas de ventilação e iluminação, promovendo eficiência energética e respeito ao meio ambiente.



JUSTIFICATIVA

Actualmente, a maioria dos centros de reabilitação disponíveis opera como serviços privados e pagos, o que dificulta o acesso ao tratamento para famílias de baixa renda. Além disso, esses centros muitas vezes adoptam abordagens que se concentram no isolamento do dependente, sem oferecer suporte suficiente para sua reintegração na sociedade. Como resultado, muitos indivíduos passam por internações repetidas sem alcançar uma recuperação duradoura. Diante desse cenário, este projecto busca oferecer um espaço acessível, humanizado e integrado à comunidade, onde o tratamento se una à capacitação profissional e ao fortalecimento de vínculos sociais, aumentando as chances de recuperação e reinserção dos dependentes químicos.

A escolha do bairro da Mafalala para a implantação deste centro se justifica por dois factores principais: seu valor histórico e cultural e sua vulnerabilidade ao problema das drogas. Mafalala é um bairro emblemático de Maputo, reconhecido por sua rica história e

diversidade cultural. No entanto, enfrenta desafios significativos relacionados ao consumo e tráfico de drogas, o que tem gerado impactos directos na qualidade de vida da população, incluindo o aumento da criminalidade e a degradação do ambiente urbano. Sem uma intervenção eficaz, o bairro corre o risco de sofrer consequências mais graves, comprometendo sua identidade e segurança.

Outro factor essencial é a prevenção das novas gerações, pois muitas crianças e jovens convivem diariamente com a realidade da dependência química no bairro. Sem acções preventivas adequadas, corre-se o risco de que essas crianças cresçam normalizando essa situação e se tornem vulneráveis ao mesmo ciclo de dependência. O centro de recuperação e formação pretende, portanto, actuar também como um espaço educativo e de conscientização, promovendo actividades que reforcem valores saudáveis e ofereçam aos jovens oportunidades para seguir caminhos alternativos, longe das influências negativas.



METODOLOGIA DO TRABALHO

1. Levantamento de Dados e Análise Contextual

Iniciou-se com a pesquisa bibliográfica sobre a dependência química e sobre centros de reabilitação e arquitetura terapêutica, seguida de visitas aos centros de reabilitação da província de Maputo para estudo das práticas existentes. Além disso, foram realizadas visitas aos grupos de Alcoólicos Anônimos (AA) e Narcóticos Anônimos (NA) para compreender as necessidades dos usuários. Paralelamente, foi realizado um estudo detalhado do bairro, incluindo análise do clima, vegetação e infraestrutura existente, a fim de compreender o contexto social, cultural e histórico, além das necessidades específicas dos usuários.

2. Definição do Programa de Necessidades

Com base nas informações obtidas, procedeu-se à definição do programa de necessidades, estabelecendo as funções e espaços que o projecto deveria contemplar, alinhando-se às demandas identificadas. Elaborou-se um organograma espacial para representar as relações entre os diferentes ambientes, e dimensionaram-se as áreas mínimas e máximas para cada espaço, considerando normas técnicas e as necessidades dos usuários.

3. Desenvolvimento do Projecto

Seguiu-se com o desenvolvimento do conceito arquitectónico, visando criar uma solução espacial que atendesse às necessidades identificadas, respeitando o contexto e promovendo a integração social.





A DEPENDÊNCIA QUÍMICA E A TRAJETÓRIA DA PESSOA USUÁRIA

Hoje, o conceito de droga abrange qualquer substância que, ao ser introduzida no organismo, modifique suas funções, podendo provocar alterações físicas ou psíquicas. O uso prolongado e repetido de determinadas drogas pode levar à dependência química, caracterizada por um desejo compulsivo de consumir a substância, perda de controle sobre o uso, tolerância crescente e síndrome de abstinência. A dependência é uma condição crônica e recorrente, reconhecida pela Organização Mundial da Saúde como um transtorno de saúde mental e comportamental.

O que é dependência química?

Segundo Maria Alice, a dependência química é uma doença crônica, caracterizada por comportamentos impulsivos e recorrentes do uso de uma determinada substância para a obtenção da sensação de prazer e de bem-estar, aliviando sensações desconfortáveis como o medo, tensões, a ansiedade, entre outras.

Existe também a Tolerância, que é o primeiro critério relacionado à dependência, que é a necessidade de aumentar as quantidades de consumo da substância para atingir o efeito desejado, e quando não se aumenta a dose,

entende-se como um efeito acentuadamente diminuído com o uso continuado da mesma quantidade da substância.

Por que ocorre a dependência?

A resposta está na forma como o cérebro reage a essas substâncias. O consumo de drogas activa o sistema de recompensa cerebral, provocando uma intensa sensação de prazer. Esse prazer, muito superior ao obtido em situações naturais do quotidiano, estimula o cérebro a repetir o comportamento, numa tentativa constante de reviver aquela experiência. Com o tempo, esse padrão pode evoluir para um ciclo de uso compulsivo, em que a substância deixa de ser apenas uma escolha e passa a ser uma necessidade.

Compreender por que a dependência se instala permite observar com mais clareza como se dá a trajetória da pessoa usuária desde o primeiro contacto com a substância até ao possível desenvolvimento da dependência. O início do uso pode estar ligado a factores como curiosidade, pressão do grupo, busca de prazer ou tentativa de aliviar sofrimentos emocionais. Em muitos casos, o uso casual evolui para um

padrão de uso frequente, levando à tolerância, à perda de controle e ao comprometimento da vida pessoal, profissional e familiar.

Durante essa trajetória, a pessoa usuária pode entrar em contacto com diferentes tipos de substâncias, cada uma com efeitos específicos no organismo e no comportamento. Entre as mais comuns estão:

1. Ansiolíticos
2. Anticolinérgicos
3. Cocaína
4. Ecstasy
5. LSD
6. Anfetaminas
7. Esteróides anabolizantes
8. Maconha
9. Tabaco
10. Álcool
11. Opiáceos

Tratamento

O tratamento da dependência química é muito complexo, e o seu sucesso e efectividade estão ligados ao grau de motivação do indivíduo. Os sintomas da dependência não diferem em grande escala de pessoa para pessoa, mas a motivação para a mudança apresenta-se de uma determinada forma para cada um, sendo assim, variável. Após uma avaliação do quadro, o tratamento mais indicado será discutido junto com o dependente, sua família e a equipa multidisciplinar.

A internação é parte do tratamento, mas não é a única estratégia. Ela é utilizada com o objectivo de desintoxicar o indivíduo, e não implica na cura da dependência química. Além disso, a internação é necessária quando o dependente apresenta sintomas de abstinência muito intensos, ou quando quadros psiquiátricos são

desencadeados pelo uso excessivo de drogas. Após o período de internação, o acompanhamento continuado é a estratégia mais indicada nos quadros de dependência química. Dessa forma, o tratamento multidisciplinar permitirá ao indivíduo lidar com os sintomas de abstinência, que poderão estar mais amenos.

O tratamento psicológico da dependência química visa mostrar ao paciente que ele possui em si próprio meios de enfrentamento de situações desconfortáveis sem a utilização de drogas. Como já foi dito, os aspectos psicossociais exercem um papel muito importante na manutenção da dependência.

Modelos de tratamento ao dependente químico

Existem abordagens que orientam os variados tipos de tratamento disponíveis ao dependente químico, observando-se as acções diferenciadas no campo público e privado, e com resultados que são influenciados por factores vinculados ao contexto institucional, políticas, além de demandas e motivações dos usuários.

Segundo estimativa da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura) sobre a probabilidade da abstinência definitiva de drogas, o sucesso ocorre em 20% a 30% dos casos, quando o paciente procura ajuda terapêutica por motivação própria. Este

índice passa para 8% quando o tratamento é feito por determinação judicial ou médica e atinge 1% nos casos em que a família impõe o tratamento.

Esses dados corroboram a dificuldade encontrada no campo clínico para a recuperação de dependentes químicos, apontando para a necessidade de uma reflexão sobre os modelos e abordagens existentes e para a fundamentação e sistematização de novas formas efectivas de intervenção. No cenário actual, vários modelos de actuação têm sido sistematizados, e são algumas vezes confundidos com programas ou abordagens. É importante perceber alguns conceitos básicos.

Programa é um plano específico de cada instituição a respeito do tratamento proposto, e envolve modelos que norteiam as actividades técnicas a ser desenvolvidas. E os modelos, por sua vez, norteiam a definição da intervenção e seus objectivos, delineando as actividades técnicas a serem aplicadas. Segundo Mckeene (2000), são ferramentas ou dispositivos conceptuais que podem ser usados por indivíduos para entender e colocar um fenómeno complexo em perspectiva.

Abordagem são as diferentes correntes teórico-metodológicas que norteiam sua actuação ou intervenção, seja humanista, psicanalítica, sistémica, cognitivo-comportamental.

Em geral, a atenção ao dependente químico é pautada pelo: **programa de redução de danos, modelo dos Narcóticos e Alcoólicos Anónimos, modelo do Amor-Exigente, abordagem de base cognitivo-comportamental e modelo psicossocial.**

Programas de redução de danos

O princípio fundamental deste programa é baseado no respeito e liberdade de escolha dos usuários que, por vezes, não conseguem ou não querem parar de usar as substâncias. Por essa razão, o objectivo é reduzir ou minimizar os riscos do consumo. Ele é baseado no desenvolvimento de programas de intervenção comunitária, com acesso a seringas estéreis, informação, educação e comunicação e aconselhamento de actividades.

Modelo do Amor-Exigente

É uma organização sem fins lucrativos que trabalha com pais, educadores e familiares que convivem com dependentes químicos de álcool e drogas, actuando em comunidades terapêuticas.

Suas acções são orientadas pelo princípio de considerar que é preciso também apoiar a família e todos aqueles que cercam o dependente. Usando uma metodologia de grupos, divide as suas intervenções em duas etapas: Motivar a comunidade: O objectivo maior é sensibilizar, formar e informar as pessoas sobre

questões referentes à drogadicção, com enfoque nos grupos familiares e escolares.

A Abordagem de base cognitivo-comportamental

A terapia cognitiva baseia-se numa teoria de personalidade que dá ênfase à importância de crenças e processos de pensamento na mediação de comportamento, emoções e respostas fisiológicas. A premissa deste modelo é que a maneira como o indivíduo interpreta determinada situação influencia as suas reacções afectivas, comportamentais e motivacionais.

Modelo Psicossocial

A principal característica deste modelo é compreender a pessoa na sua multidimensionalidade, portanto amplia a concepção de saúde, incluindo a tese de considerar a experiência subjectiva como integrante do equilíbrio dinâmico, juntamente com o aspecto físico, psicológico e as interacções do organismo com o ambiente natural e social.

No modelo psicossocial, o tempo de permanência em internação é flexível, o critério de voluntariedade é um factor de destaque, não havendo discriminação por nenhum tipo de doença. Neste modelo, também não há restrições quanto ao grau de comprometimento para adesão e manutenção do tratamento,

além da ênfase na oferta de um ambiente protegido, técnica e eticamente orientado, enfatizando a convivência entre pares como positiva.

O Modelo dos Narcóticos e Alcoólicos Anónimos

São associações comunitárias de adictos à droga em recuperação, o que os torna um dos maiores e mais antigos grupos de apoio, com aproximadamente trinta mil reuniões semanais em 100 países.

Esses grupos trabalham preferencialmente com as definições de adição, adicto, drogadicção, empregadas no seu sentido etimológico próprio, como um estado de submissão e dependência do indivíduo, com restrição da vontade.

O tratamento da dependência química exige, portanto, uma resposta multifacetada. Envolve não apenas a interrupção do consumo, mas também o cuidado com os factores emocionais, sociais e familiares que sustentam o uso. Programas como os Narcóticos Anónimos, a Redução de Danos e o movimento Amor-Exigente propõem caminhos diferentes, mas com um objectivo comum: apoiar a pessoa usuária no seu processo de recuperação, com respeito, escuta activa e acompanhamento contínuo.



PANORAMA DOS MODELOS DE TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NO CONTEXTO MOÇAMBICANO

Em Moçambique, o tratamento da dependência química tem sido marcado por uma diversidade de abordagens, que refletem tanto as limitações estruturais do sistema de saúde como as iniciativas da sociedade civil e organizações religiosas. Os modelos mais presentes incluem programas de internamento em centros de acolhimento, intervenções comunitárias de base psicossocial, ações pontuais de redução de danos e o suporte oferecido por grupos como os Narcóticos Anónimos (NA) e Alcoólicos Anónimos (AA), que já realizam reuniões em algumas cidades.

Grande parte dos centros de tratamento existentes são mantidos por organizações não-governamentais, muitas vezes com vínculos religiosos, oferecendo acolhimento temporário, orientação espiritual e acompanhamento psicossocial. Apesar da boa intenção e do impacto positivo em alguns casos, essas instituições enfrentam desafios significativos, como a escassez de profissionais especializados, a

falta de regulamentação clara e o estigma associado ao uso de substâncias.

Ainda são incipientes os serviços públicos especializados e integrados na área da saúde mental e uso problemático de substâncias. Em muitas regiões, o acesso a tratamento gratuito e multidisciplinar ainda é limitado, o que compromete a continuidade do cuidado. Além disso, o país carece de uma política nacional específica e estruturada voltada para a dependência química, o que dificulta a sistematização e expansão de estratégias eficazes.

Apesar dessas dificuldades, começam a surgir experiências locais que combinam escuta activa, envolvimento comunitário e trabalho com a rede de apoio do utilizador, reconhecendo a singularidade de cada trajetória. Esse movimento indica a importância de se investir em modelos mais humanizados e adaptados à realidade moçambicana, considerando a cultura, os vínculos sociais e a história individual de cada pessoa em processo de recuperação.

O tratamento da dependência química deve ser um processo contínuo e integrado, que acompanhe o utente desde a desintoxicação até a reinserção social. No entanto, muitas instituições em Moçambique enfrentam dificuldades em garantir essa continuidade do cuidado. Os programas disponíveis tendem a focar-se em fases pontuais, como o acolhimento temporário ou a desintoxicação, sem oferecer um acompanhamento prolongado e estruturado. Esta descontinuidade

compromete a eficácia do tratamento e aumenta o risco de recaídas. A ausência de redes integradas entre os diferentes níveis de atendimento e a escassez de profissionais especializados agravam ainda mais esta situação. Para que o tratamento seja efetivo, torna-se essencial o desenvolvimento de estratégias que assegurem um suporte prolongado e multidisciplinar, alinhado com as necessidades específicas de cada pessoa.



REFERÊNCIAS EM OUTROS PAÍSES

Centro de Reabilitação The Retreat – Nairóbi, Quênia

Oferece um ambiente tranquilo e terapêutico voltado ao tratamento de dependências. Baseia-se em abordagens integradas que combinam terapia comportamental, aconselhamento espiritual, terapia ocupacional e envolvimento familiar.

Proyecto Hombre – Espanha

Presente em várias cidades espanholas, o Proyecto Hombre é um modelo consolidado que atua na prevenção, tratamento e reinserção de pessoas com dependência química. Utiliza programas estruturados, geralmente de longo prazo, com foco na responsabilização pessoal, convivência em comunidade e desenvolvimento de competências sociais e profissionais.

Associação de Terapia Ocupacional e Dependência Química (ATODQ) – Brasil

Referência no uso da terapia ocupacional como ferramenta central na recuperação de dependentes. As atividades manuais, artísticas e produtivas são estruturadas de forma a promover a autonomia, a autoestima e a construção de novos projetos de vida. A

arquitetura dos espaços prioriza a flexibilidade e a adequação às diversas oficinas e dinâmicas de grupo.

Centro Terapêutico de Alcoologia e Drogas (CTAD) – Portugal

O CTAD combina tratamento clínico com atividades terapêuticas e educativas. A estrutura oferece unidades de internamento e ambulatório, com espaços organizados para convivência, consultas, terapia de grupo e atividades ocupacionais. O foco está na abordagem biopsicossocial, com acompanhamento individualizado.

Hazelden Betty Ford Foundation – Estados Unidos

Com reconhecimento internacional, esta fundação atua em diversos estados norte-americanos e aplica um modelo centrado nos 12 passos, aliado a terapias cognitivas, mindfulness e programas de acompanhamento pós-tratamento. Os espaços arquitetônicos são cuidadosamente planejados para proporcionar conforto, privacidade e estímulo ao bem-estar.





O PROJECTO

A necessidade de um tratamento contínuo e humanizado para pessoas em situação de dependência química, somada ao valor das formas de apoio livre como os Narcóticos Anónimos (NA) e Alcoólicos Anónimos (AA) e à urgência da reintegração social, dá origem à concepção da Casa Sónia. Este projecto nasce do reconhecimento de que o processo de recuperação não se limita à interrupção do uso da substância, mas exige acompanhamento prolongado, fortalecimento emocional, resgate da autonomia e reconstrução de laços sociais.

A Casa Sónia é, antes de tudo, um centro de terapia. Não no sentido hospitalar ou clínico tradicional, mas enquanto espaço de escuta, convivência e reconstrução do sujeito. A terapia aqui está presente nas relações, na rotina partilhada, na possibilidade de se expressar e ser compreendido, no suporte emocional e no acompanhamento psicoeducativo que respeita o tempo e a história de cada membro.

É também um centro de formação, pois acredita que a recuperação não se sustenta sem oportunidades reais de reconstrução de

vida. Na Casa Sónia, a pessoa em processo de recuperação poderá aprender um ofício, desenvolver competências técnicas, redescobrir interesses e projectar o seu futuro. A formação é entendida como um instrumento de dignidade e independência, que permite ao membro não apenas deixar de consumir, mas tornar-se activo na sociedade, com novas ferramentas e perspectivas.

Por fim, é um centro de reintegração social, porque reconhece que a dependência química é, também, uma ruptura com os vínculos familiares, afectivos, comunitários. A Casa Sónia trabalha para restaurar essas conexões, promover o reencontro com a comunidade e criar pontes de pertença e participação. Reintegrar, aqui, é devolver ao indivíduo o lugar de sujeito na vida colectiva, com voz, função e reconhecimento.

Assim, a Casa Sónia não se propõe como um ponto final no tratamento, mas como uma continuidade necessária — um lugar de liberdade assistida, de reconstrução possível e de futuro partilhado.



O LUGAR ONDE A CASA SÓBRIA NASCE

Toda resposta eficaz à dependência química precisa considerar a realidade concreta do território em que se insere. A Casa Sóbria não é apenas uma estrutura física ou um conceito abstracto — é uma proposta construída a partir das necessidades reais de um contexto específico. **O bairro da Mafalala**, na cidade de Maputo, foi escolhido como local de implantação por reunir características que, ao mesmo tempo que evidenciam a urgência da intervenção, também demonstram o potencial para uma acção transformadora.

Ao escolher a Mafalala como local de implantação da Casa Sóbria, pode surgir a pergunta: por que construir um centro de recuperação num bairro onde o consumo de drogas é visível e recorrente? A resposta está precisamente nessa realidade. Por mais que um centro de tratamento esteja situado num lugar isolado, o dependente, mais cedo ou mais tarde, retornará ao convívio comunitário e com ele, à proximidade das mesmas situações de risco. O que realmente determina a continuidade da recuperação não é o afastamento geográfico, mas sim a vontade individual de mudar, que existe em muitos usuários.

A Casa Sóbria nasce, portanto, dentro da comunidade, porque acredita que a recuperação não se faz no afastamento, mas no enraizamento: é preciso reaprender a viver onde sempre se viveu, com novas referências, novas possibilidades e uma rede de apoio sólida. Levar o cuidado até onde o problema está é também um acto de coragem, de confiança no potencial de transformação das pessoas e dos territórios.

Importa também esclarecer que o projecto não se destina exclusivamente aos moradores da Mafalala. A Casa Sóbria dirige-se a qualquer pessoa em situação de dependência química, vinda de qualquer parte da cidade. A escolha deste bairro como sede do projecto não se deve apenas à gravidade do problema local, mas também à sua posição estratégica dentro do tecido urbano. A Mafalala integra um núcleo central da cidade, rodeado por outros bairros como Malhangalene B, Chamanculo e Maxaquene B que partilham desafios semelhantes no que toca ao consumo de substâncias. Estar ali é estar próximo dos que mais precisam, de forma acessível e integrada na malha da vida quotidiana.



CONDIÇÕES URBANAS ACTUAIS

O bairro da Mafalala, situado na cidade de Maputo, é um território com um tecido urbano consolidado de forma espontânea e uma vida comunitária vibrante. Ao longo das décadas, desenvolve-se como um bairro informal, com construções de unidades habitacionais dispersas de um piso.

A malha urbana da Mafalala caracteriza-se por ruas estreitas de terra batida, vulgo becos, com poucas áreas de circulação automóvel, o que torna o bairro mais acessível a pé. Apesar das limitações físicas, essa configuração favorece a convivência social e a proximidade entre os moradores. No entanto, a precariedade de algumas infraestruturas básicas como saneamento, drenagem e recolha de resíduos representa um desafio quotidiano à qualidade de vida dos residentes.

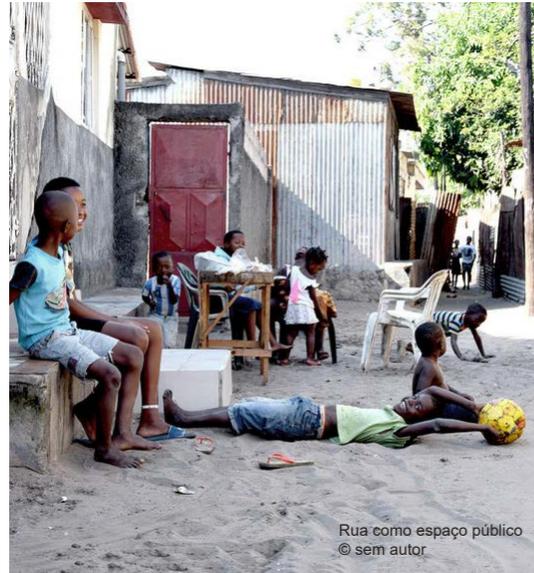
O bairro conta com alguns serviços públicos, como escola primária, mercados, posto policial e pequenas unidades de comércio. Importa destacar que já existe na Mafalala um programa de redução de danos direccionado a pessoas que fazem uso problemático de substâncias, o que demonstra a presença de uma base institucional e comunitária preocupada com a problemática da

dependência. Contudo, ainda é notória a ausência de estruturas de acolhimento e apoio contínuo para quem decide iniciar um processo de recuperação espaços onde o cuidado, a formação e a reintegração social possam acontecer de forma integrada e permanente.

Do ponto de vista social, a Mafalala é também um espaço de resistência e de identidade colectiva. A forte presença de associações comunitárias, grupos culturais e lideranças locais constitui um capital social significativo. Entre os actores de maior relevância, destaca-se o Museu Mafalala, coordenado pela associação IVERCA, que desempenha um papel fundamental na valorização da história local, na promoção da cultura e na dinamização comunitária. Existe também o Projecto Utopia Mafalala, que afirma-se como um centro de actividades culturais e artísticas, promovendo oficinas e eventos ligados à dança, ao teatro e à expressão criativa dos jovens. Este ambiente oferece condições favoráveis para a implementação de projectos que apostem na transformação desde dentro, com participação activa da comunidade.



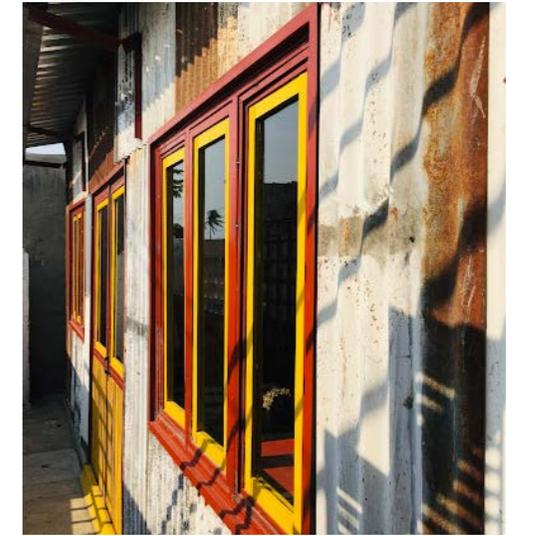




Rua como espaço público
© sem autor



Barazala
Remigio Chilaule



Baraza
© Johan Mottelson



Projeto Barazala
© Continuum

REGULAMENTAÇÃO APLICÁVEL

O bairro da Mafalala, não dispõe actualmente de um plano de urbanização específico que oriente o seu desenvolvimento de forma detalhada. Como consequência, a ocupação e uso do solo seguem, na maioria dos casos, dinâmicas informais, com fraca regulamentação directa sobre os aspectos urbanísticos e arquitectónicos.

A única ferramenta de planeamento urbano em vigor que abrange o bairro é o **Plano de Estrutura Urbana do Município de Maputo**, que estabelece directrizes gerais para o ordenamento territorial

da cidade, sem, no entanto, apresentar normas específicas para a Mafalala. Para além deste plano, outras regulamentações aplicáveis ao presente projecto incluem:

Postura sobre Construções e Edificações, que define regras administrativas e técnicas para a realização de obras no município;

Regulamento Geral das Edificações Urbanas, que estabelece parâmetros normativos para aspectos como implantação, segurança, salubridade, acessibilidade e conforto das edificações.



Legenda | espaço urbanizado; área urbanizável planificada; área urbanizável não planificada; área para expansão urbana; verde urbano; área húmida e inundável; equipamentos;

ÁREA DO PROJECTO

O projecto não limita-se a uma edificação inserida num lote urbano, trata-se de um projecto mais amplo, pensado em articulação com o território e suas dinâmicas sociais. A área de intervenção abrange, portanto, não apenas o espaço físico destinado à construção do centro, mas também um conjunto de acções complementares, como o reassentamento de algumas famílias actualmente residentes na zona de implantação. Uma medida tornada pela inexistência de lotes livres ou desocupados no bairro.

Esta decisão responde ao compromisso ético de garantir o direito à habitação digna para todos, minimizando os impactos da intervenção e promovendo soluções inclusivas. O reassentamento será realizado de forma in situ, ou seja, dentro do mesmo bairro, respeitando os vínculos comunitários e afectivos das famílias com o território. A área do projecto é, assim, composta por dois núcleos interligados:

O núcleo institucional, que compreende os edifícios da Casa Sóbria, e os núcleos habitacionais, destinados às novas habitações das famílias reassentadas.

O conjunto de habitações que compõe o terreno proposto para o edifício está localizado ao longo da Rua Eusébio da Silva Ferreira uma das principais vias de acesso do bairro, que liga o seu núcleo central à Avenida Acordos de Lusaka, estabelecendo conexões directas com os bairros Malhangalene B e Maxaquene B.

Já o conjunto de habitações seleccionadas para acolher as famílias reassentadas encontra-se num raio de menos de 100 metros do local do projecto. Isso significa que os antigos proprietários não estarão tão afastados do seu território de origem, mantendo-se próximos aos seus vínculos comunitários.



O REASSENTAMENTO

O reassentamento é uma parte fundamental do projecto Casa Sóbria, destinado a garantir que as famílias afectadas pela construção tenham condições dignas de habitação. Cinco famílias serão directamente impactadas pela implantação do centro, cujos terrenos serão utilizados para a construção. Para essas famílias, foram seleccionados outros cinco terrenos no bairro da Mafalala para o seu reassentamento.

A escolha dos novos terrenos considerou o perfil e as condições actuais das famílias que vivem nesses mesmos terrenos. Foram

seleccionadas casas em condições precárias, com problemas estruturais, falta de salubridade e carências nos sistemas básicos de água, saneamento e energia. Assim, as famílias cederão seus terrenos para o projecto e, em troca, receberão novas residências com condições adequadas para habitação, incluindo todos os sistemas essenciais resolvidos.

Estas novas habitações serão construídas em edifícios de altura, o que permite melhor aproveitamento do espaço urbano e promove a integração social e territorial.





REFERÊNCIAS NACIONAIS DE MODELO DE REASSENTAMENTO

Para a formulação de soluções habitacionais no âmbito deste projeto, foram consideradas experiências nacionais relevantes voltadas para habitação social em contextos urbanos de alta densidade e vulnerabilidade socioeconômica. Entre elas, destacam-se o programa Casa Minha, localizado na Polana Caniço, e o projeto de casas melhoradas em Maxaquene, ambos implementados na cidade de Maputo.

O Casa Minha, promovido pelo Conselho Municipal de Maputo, consiste em um programa habitacional de construção de moradias de baixo custo para reassentamento de famílias em situação de vulnerabilidade. Implantado em zonas urbanas periféricas como a Polana Caniço, o projeto adota uma tipologia compacta, funcional e adaptada às condições socioeconômicas locais. As casas são construídas com materiais duráveis e em terrenos organizados,



oferecendo infraestrutura básica e segurança habitacional às famílias beneficiadas.

Já as casas melhoradas de Maxaquene fazem parte de uma iniciativa voltada à reabilitação progressiva de habitações precárias em bairros consolidados. O modelo consiste na substituição de estruturas improvisadas por unidades habitacionais mais seguras, com base em padrões mínimos de habitabilidade. A intervenção respeita a configuração original dos terrenos, promovendo melhorias sem a remoção das famílias, e prioriza a autoconstrução assistida, com apoio técnico e acesso a materiais subsidiados.

Essas experiências mostram abordagens distintas, mas complementares, à questão da habitação social em Maputo, oferecendo referências concretas para soluções dignas, adaptáveis e integradas ao tecido urbano existente.

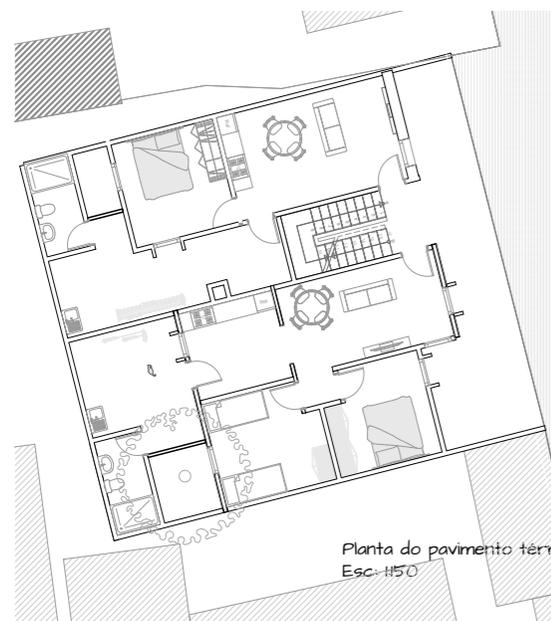


O reassentamento é uma parte fundamental do projecto Casa Sóbria, destinado a garantir que as famílias afectadas pela construção tenham condições dignas de habitação. Cinco famílias serão directamente impactadas pela implantação do centro, cujos terrenos serão utilizados para a construção. Para essas famílias, foram seleccionados outros cinco terrenos no bairro da Mafalala para o seu reassentamento.

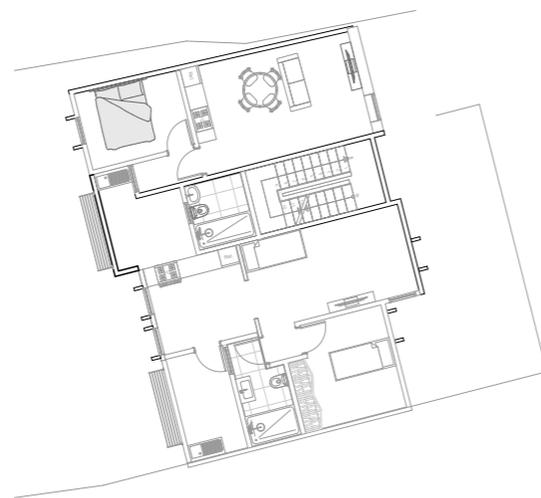
A escolha dos novos terrenos considerou o perfil e as condições actuais das famílias. Foram seleccionadas casas em condições

precárias, com problemas estruturais, falta de salubridade e carências nos sistemas básicos de água, saneamento e energia. Assim, as famílias cederão seus terrenos para o projecto e, em troca, receberão novas residências com condições adequadas para habitação, incluindo todos os sistemas essenciais resolvidos.

Estas novas habitações serão construídas em edifícios de altura, o que permite melhor aproveitamento do espaço urbano e promove a integração social e territorial.



Planta do pavimento térreo
Esc: 1:50



Planta do 2-4 pavimento
Esc: 1:50



LOCAL DE IMPLANTAÇÃO DO PROJECTO

O terreno proposto para a implantação da Casa Sóbria possui uma área de aproximadamente 1.010 m². A sua configuração é irregular e a inclinação do solo é pouco acentuada, quase imperceptível a olho nu. O solo apresenta características húmidas, influenciadas pela proximidade do lençol freático.

Actualmente, o terreno não se encontra completamente desocupado: nele existem duas casas construídas em madeira e zinco, duas outras em alvenaria, e um lote vazio que se encontra à venda. No interior do lote observa-se apenas vegetação rasteira e alguns

arbustos com alturas entre 1 e 1,5 metros.

No exterior imediato do terreno, destaca-se uma árvore de grande porte da espécie eucalipto que sombreia uma baraza, espaço público típico da Mafalala usado pela comunidade como ponto de encontro, convívio e actividade comercial informal.

O acesso ao terreno é feito por uma estrada-vala aberta, que escoar as águas pluviais para a vala de drenagem na Avenida Acordos de Lusaka.





PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa da Casa Sóbria nasce do compromisso com a criação de espaços que respondam de forma sensível, prática e digna às necessidades da pessoa em processo de recuperação da dependência química. A arquitectura do centro parte do princípio de que o cuidado acontece em várias dimensões física, emocional, intelectual, produtiva e comunitária e, por isso, procura oferecer uma estrutura integrada, onde cada ambiente desempenha um papel específico no processo de cura.

O espaço central do programa é a sala de reuniões, lugar onde os membros se encontram regularmente para partilhar as suas experiências, segundo os moldes dos Narcóticos Anónimos. Este espaço é desenhado com flexibilidade, permitindo que o mobiliário seja reorganizado e a sala funcione também como sala de aula para alfabetização de utentes que não sabem ler ou escrever.

Complementando essa função, localiza-se a biblioteca, ambiente silencioso e introspectivo, pensado para reforçar o hábito da leitura como ferramenta de desenvolvimento pessoal e suporte

terapêutico.

O programa inclui ainda um bloco de oficinas produtivas, com espaços dedicados à carpintaria, serralharia, alfaiataria e cabeleireiro. Estas oficinas funcionam como locais de aprendizagem, produção e geração de renda, conectando o centro com o bairro e permitindo que os utentes prestem serviços à comunidade local.

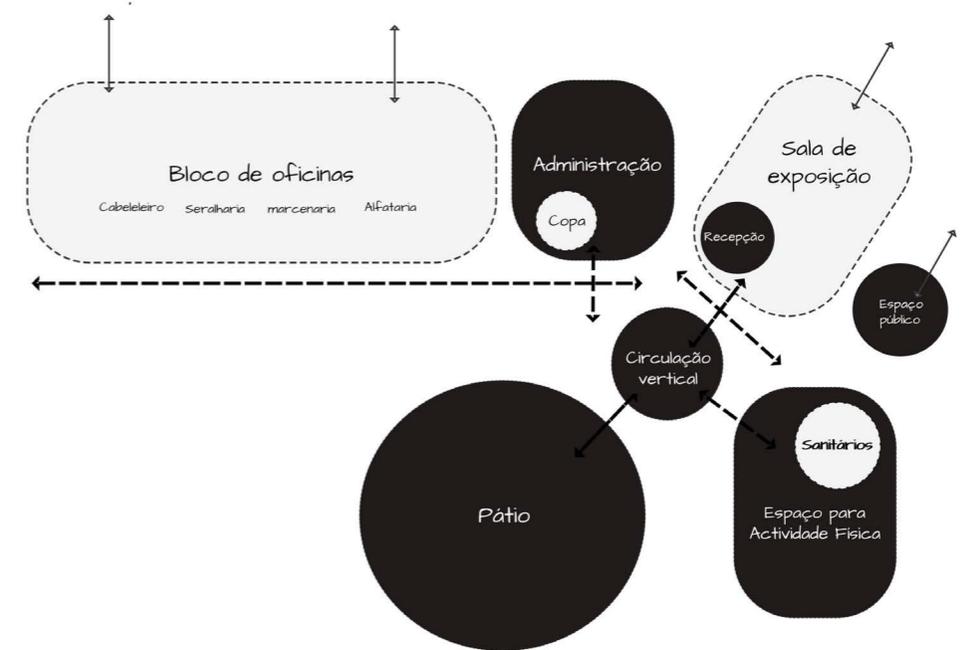
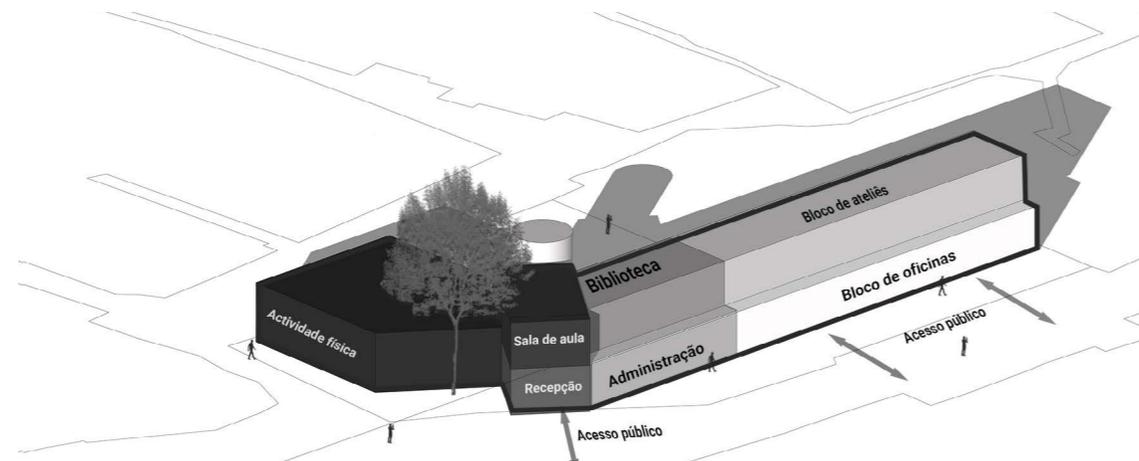
A criação também tem espaço garantido no bloco de ateliers, onde são desenvolvidas actividades artísticas como cerâmica, pintura, mosaico e escultura. Além de funcionarem como espaço terapêutico e de expressão individual, os ateliers possibilitam a produção de peças com potencial valor comercial, contribuindo para a autonomia dos envolvidos.

A recepção assume papel simbólico e prático: é o primeiro ponto de contacto para quem chega com o desejo de parar de consumir. Ao mesmo tempo, este espaço funciona como galeria expositiva, abrigando as obras criadas nas oficinas e ateliers reforçando a ideia de que o centro é também um lugar de produção cultural.

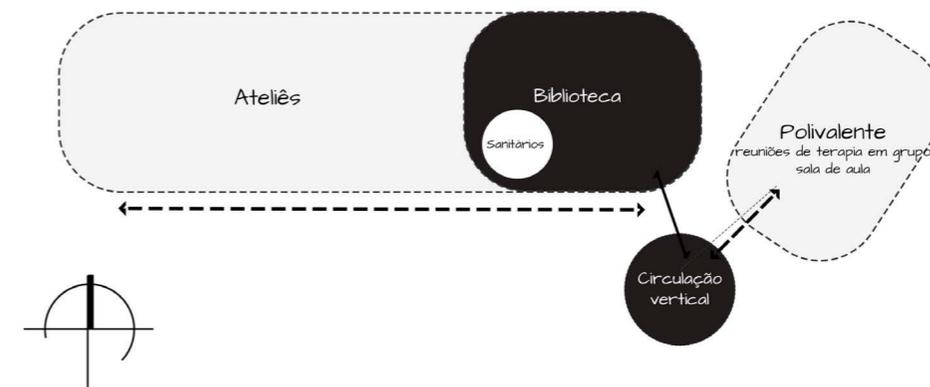
Há ainda um espaço dedicado à actividade física, reconhecendo a importância do corpo no processo de reabilitação, e um pátio-jardim, que serve tanto à meditação individual quanto às reuniões abertas, momentos em que familiares e comunidade participam do processo de recuperação colectiva.

Por fim, integram o programa os espaços complementares como área administrativa, sanitários, copa, arrumos, sala técnica e outros apoios logísticos necessários

ao bom funcionamento da estrutura. Em termos de distribuição, os espaços de uso público e comunitário como as oficinas e a recepção/exposição localizam-se no piso térreo e mantêm conexão directa com a rua, tornando-se extensões do bairro. Ainda no térreo, mas com acesso mais reservado, estão os sanitários, copa, arrumos e ginásio. O piso superior concentra os espaços de reflexão, estudo e criação: ateliers, biblioteca, sala de reuniões e um bloco sanitário.



organigrama espacial do primeiro piso Esc.



organigrama espacial do segundo piso Esc.

FUNDAMENTO DO CONCEITO ARQUITECTÓNICO

O conceito do projecto surge da observação atenta das realidades sociais, espaciais e urbanísticas do bairro da Mafalala, um lugar histórico e reconhecido como património cultural. Partindo da premissa de que cada edifício é uma expressão da realidade que o envolve, o projecto procura captar pequenos detalhes que definem a identidade do bairro para integrá-los no edifício, promovendo uma relação harmoniosa com o contexto local. Assim, o conceito baseia-se numa representação simbólica do encontro entre o passado e o presente da Mafalala: o passado, caracterizado pelas tradicionais casas de madeira e zinco, e o presente, marcado pelas construções em alvenaria, refletido também no contraste entre o beco confinado e o amplo pátio. A materialização deste conceito faz-se através de decisões arquitectónicas que traduzem simbolicamente essa fusão entre passado e presente. Em primeiro lugar, é criado um núcleo central a entrada principal do edifício que simboliza, para o membro, a porta de acesso a uma nova vida, marcando o início

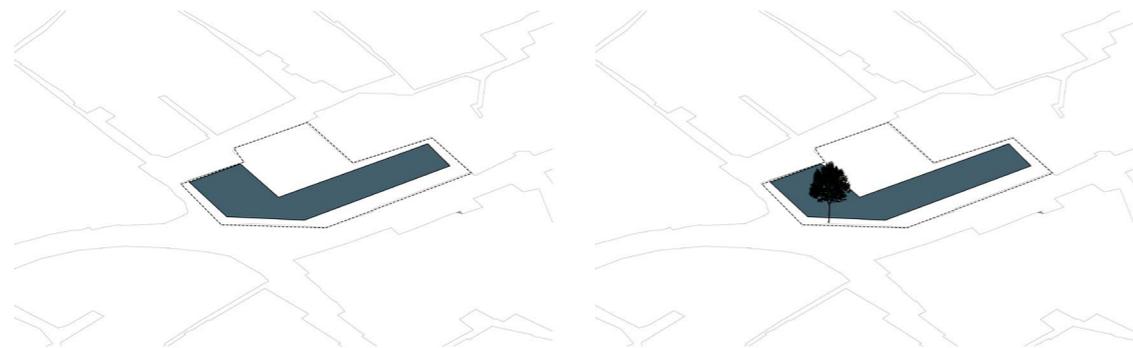
de um percurso de transformação pessoal. A composição volumétrica inclui um sistema de dupla fachada: a primeira, construída em chapa de zinco, representa o passado da Mafalala, com as suas casas tradicionais; a segunda, em alvenaria, remete para o presente, marcado pela consolidação de construções mais duráveis. Esta sobreposição não é apenas formal, mas carrega um significado simbólico de transição e evolução.

O pátio central, com integração da vegetação, inspira-se nos pátios comuns do bairro espaços de convivência, descanso e partilha e reforça o vínculo entre arquitectura e a natureza.

Por fim, a baraza espaço público já existente na área do projecto é respeitada na proposta como um elemento vivo da cultura local. A sua presença é preservada, mantendo a função de lugar de encontro e de pequena actividade comercial, reforçando a relação do edifício com a dinâmica social do bairro



INTEGRAÇÃO FÍSICA

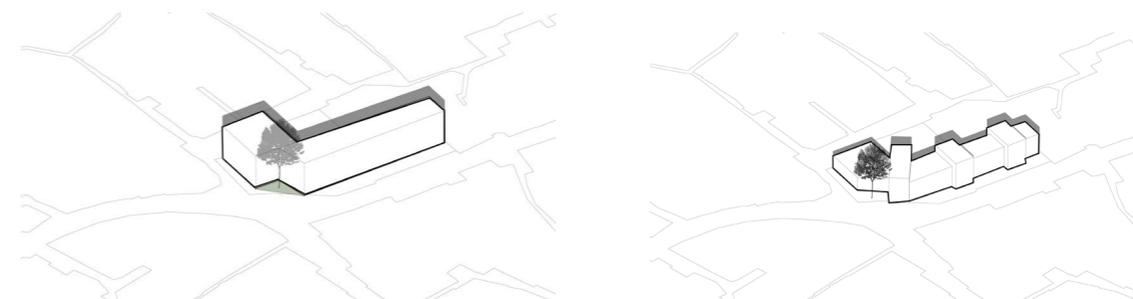


Critérios de Implantação

A primeira iniciativa foi a determinação da área de implantação do edifício, criando afastamentos que permitem principalmente a circulação fluida entre o edifício e a rua.

Relação com o Contexto Existente

O principal gesto de integração com o contexto foi a valorização do espaço público já existente sob a grande árvore. Em vez de ocupar essa área consolidada de convívio, o edifício foi estrategicamente recuado, ampliando a área livre e respeitando a dinâmica social local.

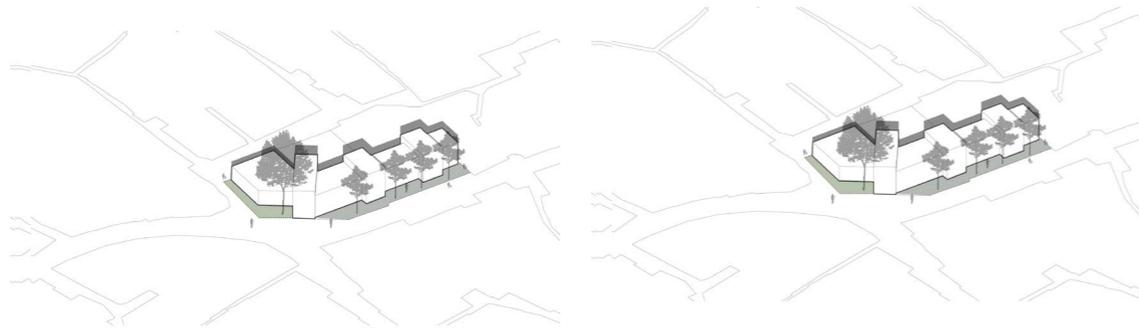


Integração dos volumes

Visualmente, o edifício apresenta-se dividido em dois volumes. O primeiro, paralelo à rua, abriga as oficinas e os ateliês espaços voltados para o serviço à comunidade. O segundo volume corresponde à recepção, implantada na esquina, marcando o acesso principal e organizando a entrada para o interior do lote.

Articulação dos volumes

Embora o edifício seja uma estrutura contínua, a articulação volumétrica foi obtida através de recuos e variações no alinhamento das fachadas. Esses movimentos criam a percepção de diferentes volumes, facilitando a leitura das funções internas e contribuindo para a integração visual.



Organização dos Espaços Externos

O pátio central no interior do lote funciona como o coração do edifício, acolhendo atividades diversas e promovendo encontros entre os usuários. No exterior, o espaço público é qualificado de forma simples, com a criação de um passeio contínuo e a introdução de vegetação ao longo da fachada, reforçando a relação entre o edifício e a rua.

Definição de acessos

O edifício tem três acessos. O principal, pela esquina, leva à recepção. O segundo, paralelo à rua, conecta as oficinas e ateliês, onde o público tem acesso livre para buscar serviços. O terceiro é o acesso de serviço, exclusivo para membros do centro. O acesso à sala de exposições é controlado.

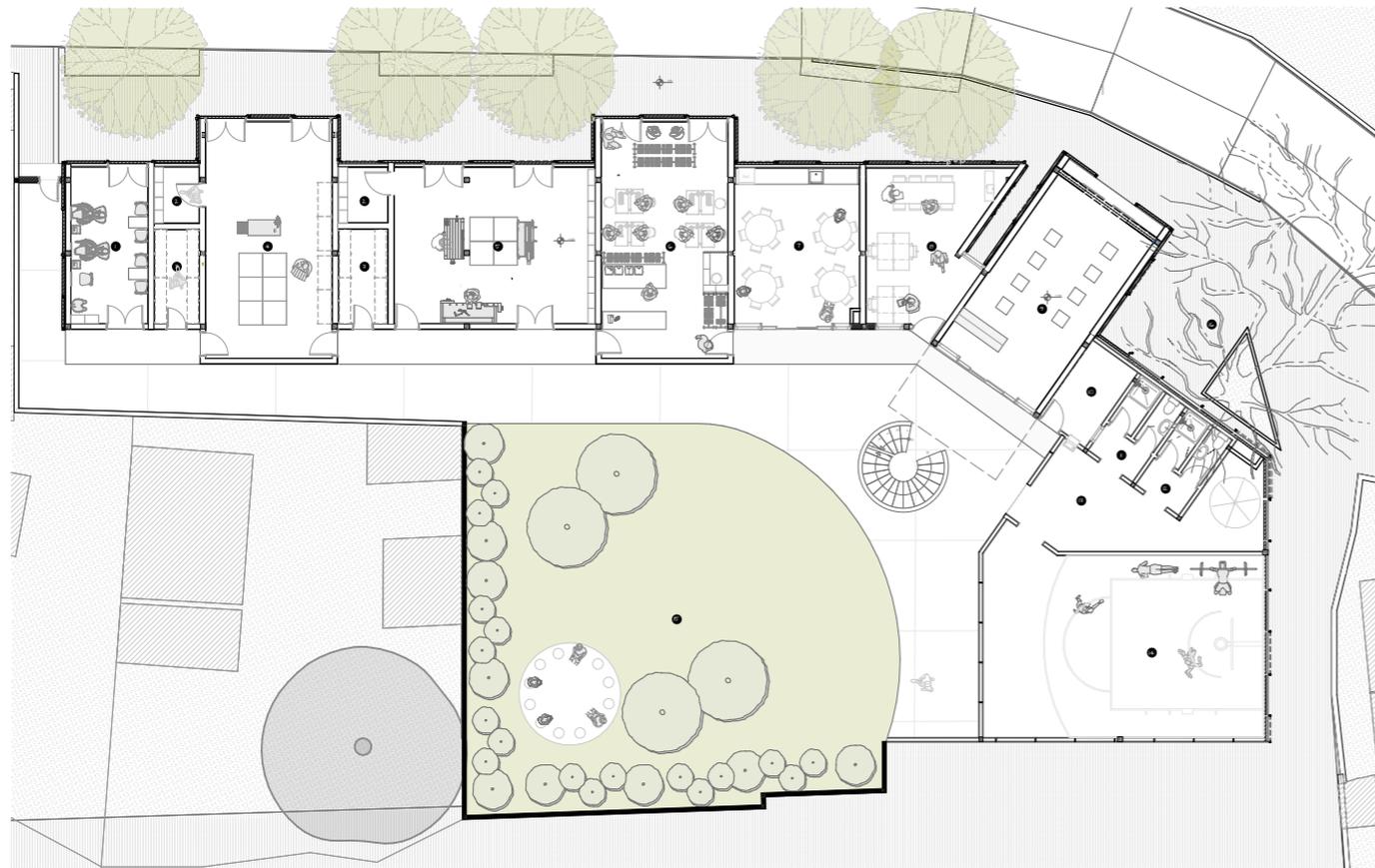
INDICES URBANÍSTICOS

No bairro Mafalala não existem planos urbanísticos oficiais que estabeleçam índices urbanísticos para o terreno. Por isso, o projeto apresenta os resultados e soluções adotadas com base nas condições reais do local e nas necessidades do programa, sem referência a parâmetros normativos pré-definidos.

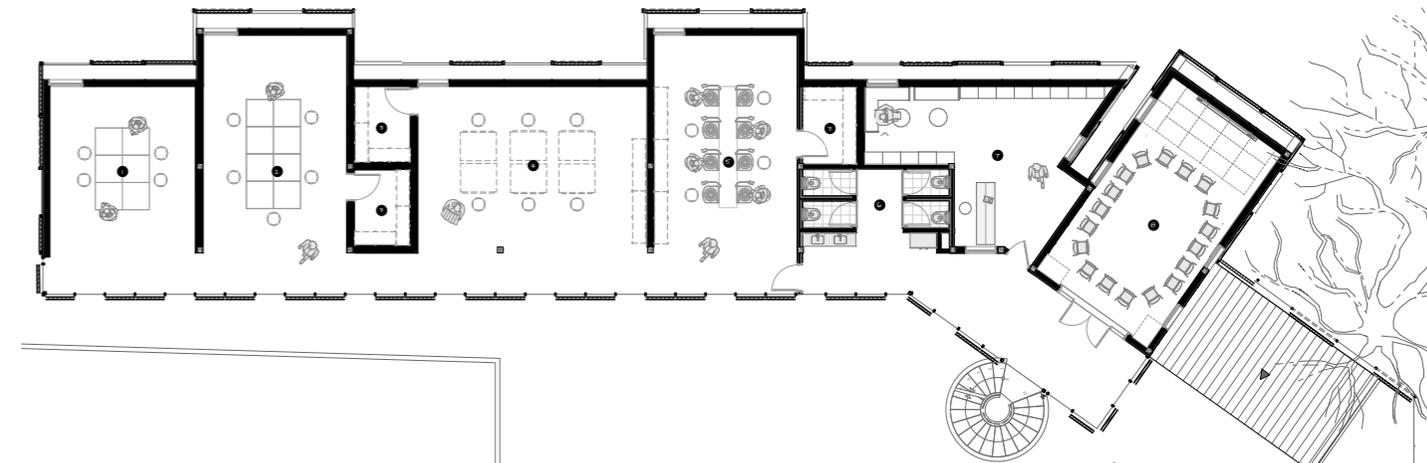
Índice	Valor proposto
Área do terreno	1.010 m ²
Área ocupada no térreo	360 m ²
Área total construída	694 m ²
Área permeável	235 m ²
Taxa de ocupação do solo	35,6%
Taxa de construção	68%





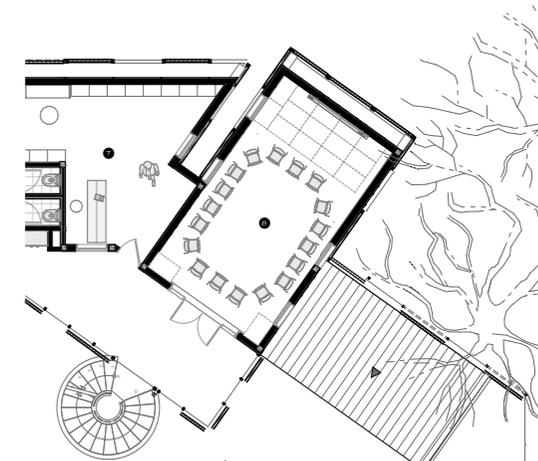


- | | | | | | |
|-----------------------|------------------|--------------------------------|-------------------------|--------------------|---|
| 1. Salão de cabeleiro | 5. Carpintaria | 9. Recepção, sala de exposição | Femenino | 14. Ginásio aberto | Planta do pavimento térreo
Esc: 1:50 |
| 2. Vestiário | 6. Alfataria | 10. Arrumo | 12. anotários Masculino | 15. Jardim | |
| 3. Armazem | 7. Copa | 11. Sanitários | 13. Pátio de serviço | 16. Baraza | |
| 4. Serralharia | 8. Administração | | | | |



- | | | |
|--------------------------|------------------------|---|
| 1. Atelier de mosaico | 4. Atelier de pintura | 7. Biblioteca |
| 2. Atelier de artesanato | 5. Atelier de cerâmica | 8. Sala polivalente (reuniões em grupo, sala de aula) |
| 3. Arrumo | 6. Sanitários | |

Planta do segundo piso
Esc: 1:50



Planta do segundo piso
Esc: 1:50

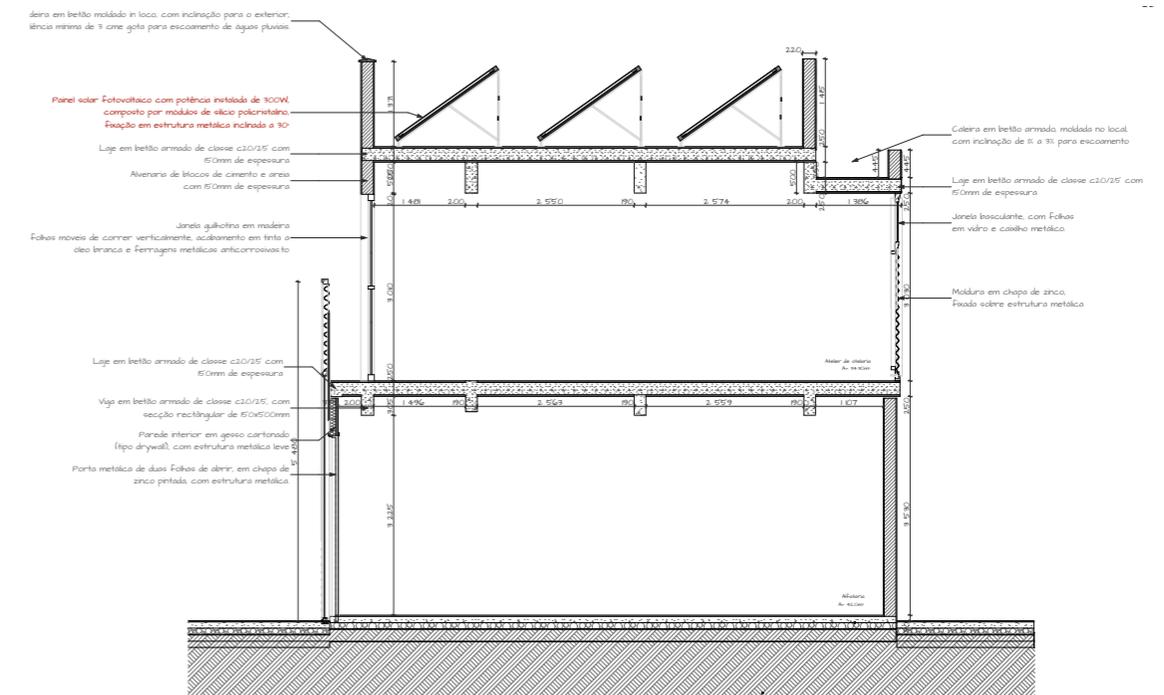
SOLUÇÃO TÉCNICO CONSTRUTIVA

A solução técnico-construtiva foi pensada para responder aos desafios do contexto local, equilibrando viabilidade económica, desempenho ambiental e facilidade de execução. A escolha dos sistemas e materiais privilegia técnicas conhecidas pela mão-de-obra local, integrando ainda estratégias sustentáveis como a reutilização de materiais.

A estrutura principal é em betão armado, com fundações diretas em sapatas isoladas e lajes maciças. Os sistemas de vedação combinam três tipos de soluções: alvenaria convencional, painéis com estrutura metálica utilizados nas fachadas para leveza e montagem rápida e divisórias internas em gesso, permitindo flexibilidade e adaptação dos espaços.

Para o conforto térmico e acústico, são utilizados tectos falsos e materiais isolantes como lã de rocha e lã de vidro, que contribuem na regulação da temperatura e na redução da transmissão sonora. A ventilação natural cruzada, favorecida pela implantação e pelas amplas aberturas, reduz a dependência de sistemas mecânicos.

A modularidade está presente em diversos elementos do projecto, facilitando o transporte, a montagem e eventuais manutenções. A proposta incorpora ainda estratégias sustentáveis, como a captação de águas pluviais e o uso de painéis solares para reduzir o consumo energético. Elementos de acabamento, como candeeiros, utilizam materiais recicláveis, reforçando o compromisso com a economia circular e a valorização de recursos locais.



Corte transversal_C2
E9C_H00

Sistema estrutural

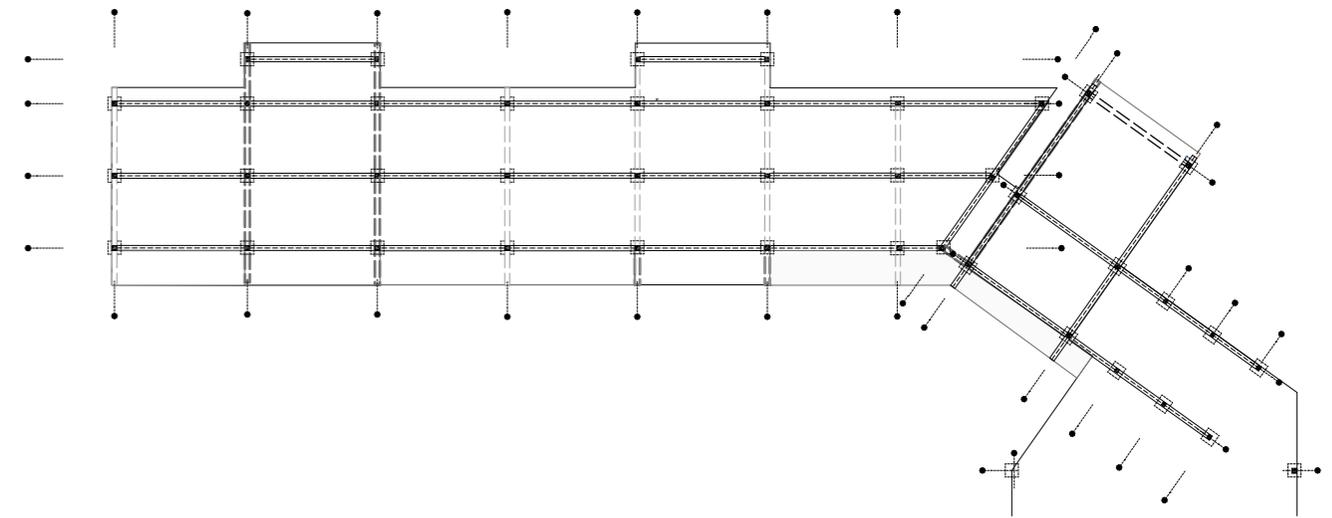
A estrutura do edifício é em betão armado moldado in loco, organizada a partir de um sistema de pilares e vigas. A disposição dos elementos estruturais segue uma modulação regular que favorece a economia e a racionalidade construtiva. Em planta, os vãos médios são de 5 metros num eixo e 2,5 metros no outro, garantindo estabilidade e facilitando a distribuição dos espaços internos.

Os pilares possuem secção de 20 cm e estão recuados 500 mm da fachada no primeiro piso, ficando alinhados com o plano da fachada do segundo piso. Esta estratégia

gera vigas em consola no primeiro nível, solução que confere leveza ao volume e cria sombreamentos que contribuem para o desempenho ambiental do edifício.

As lajes são maciças de betão armado e incluem impermeabilização tanto nas áreas de pavimento quanto na cobertura, assegurando maior durabilidade e protecção contra a humidade. O pé-direito médio é de 3,5 metros, permitindo conforto espacial e boa ventilação.

A fundação é directa, com sapatas isoladas interligadas por vigas de fundação.



Planta de fundação
Esc: 1:200



Visualização 3D_Estrutura
Esc: 1:200

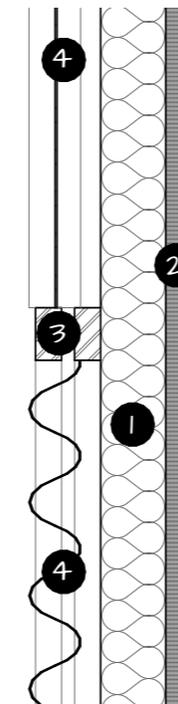
Sistemas de Vedação Vertical

O sistema de paredes do edifício foi concebido com foco na flexibilidade de uso, eficiência construtiva e desempenho térmico e acústico. Utilizam-se três tipos principais de vedação: **divisórias em gesso cartonado**, **painéis de chapa de zinco com estrutura metálica** e **alvenaria de blocos de cimento**.

As divisórias em gesso são empregues principalmente em espaços interiores, permitindo eventuais alterações futuras na configuração dos compartimentos, como ampliações ou adaptações funcionais. Já os painéis de chapa de zinco sobre estrutura

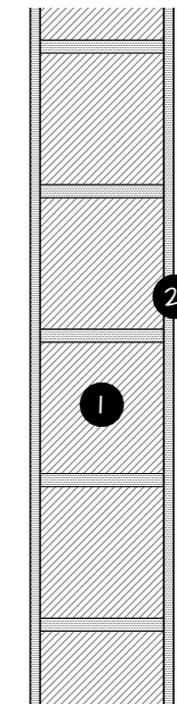
metálica são aplicados nas fachadas do piso térreo e como vedações leves, conferindo leveza visual e rapidez de execução. A alvenaria de blocos de cimento, com espessuras de 150 mm e 200 mm, é utilizada no piso superior, em áreas húmidas e noutras zonas onde se exige maior robustez.

Todas as paredes têm função de vedação ou compartimentação interna, não sendo estruturais. Prevê-se o uso de lã de rocha no seu interior para controlo térmico e acústico. Os acabamentos incluem pintura em paredes secas e cimento queimado nas áreas húmidas



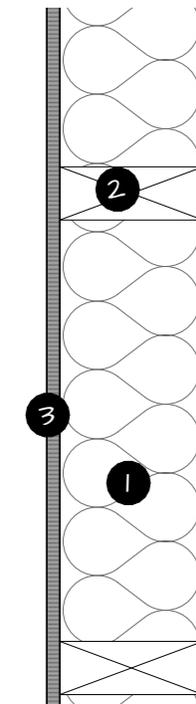
painéis de chapa de zinco
Esc: 1:10

- Legenda:
1. Lã de rocha
 2. Placa de gesso cartonado
 3. Cantoneira
 4. Chapa de zinco ondulada



Alvenaria em bloco de cimento
Esc: 1:10

- Legenda:
1. Bloco de cimento
 2. Reboco



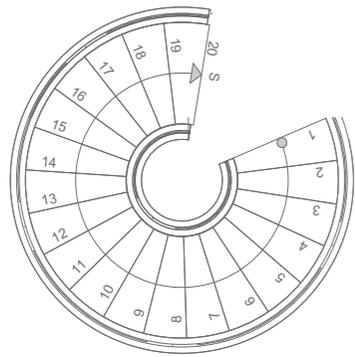
Divisórias em gesso cartonado
Esc: 1:10

- Legenda:
1. Lã de rocha
 2. pinos de madeira
 3. Placa de gesso cartonado

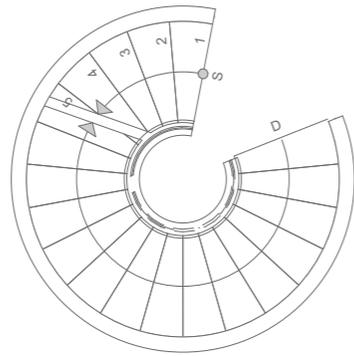
Elementos de Comunicação Vertical

A escada exterior em espiral é um elemento funcional e, simultaneamente, expressivo na composição do edifício. Executada em betão armado moldado in loco, possui 3 metros de diâmetro e liga o piso térreo à cobertura. Os degraus têm acabamento em cimento queimado, conferindo continuidade de materialidade com os pavimentos adjacentes

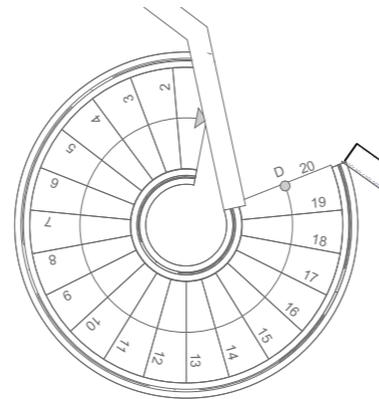
e reforçando a unidade estética do conjunto. O guarda-corpo, também em betão, segue a geometria helicoidal da escada, garantindo segurança sem comprometer a unidade visual. Para além da sua função de circulação, a escada assume um papel estético, destacando-se como peça escultórica e dinâmica na fachada.



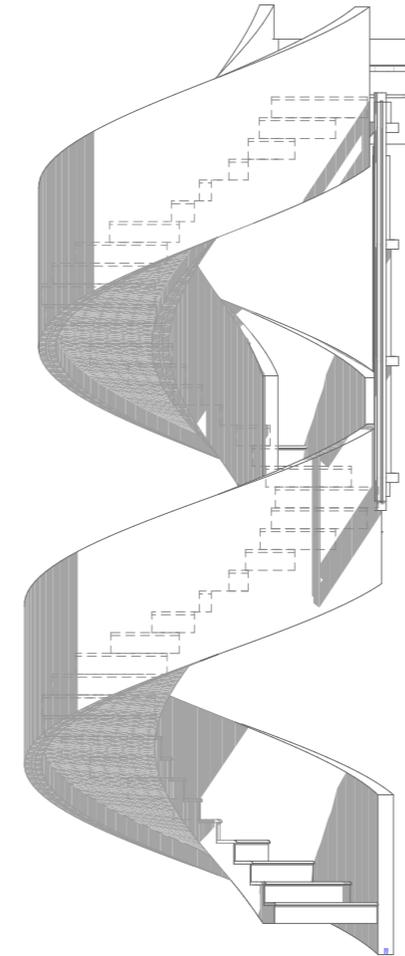
Núcleo de escada_Piso térreo
Esc: 1:75



Núcleo de escada_Primeiro piso
Esc: 1:75



Núcleo de escada_Segundo piso
Esc: 1:75



Atçado_Escadas
Esc: 1:75

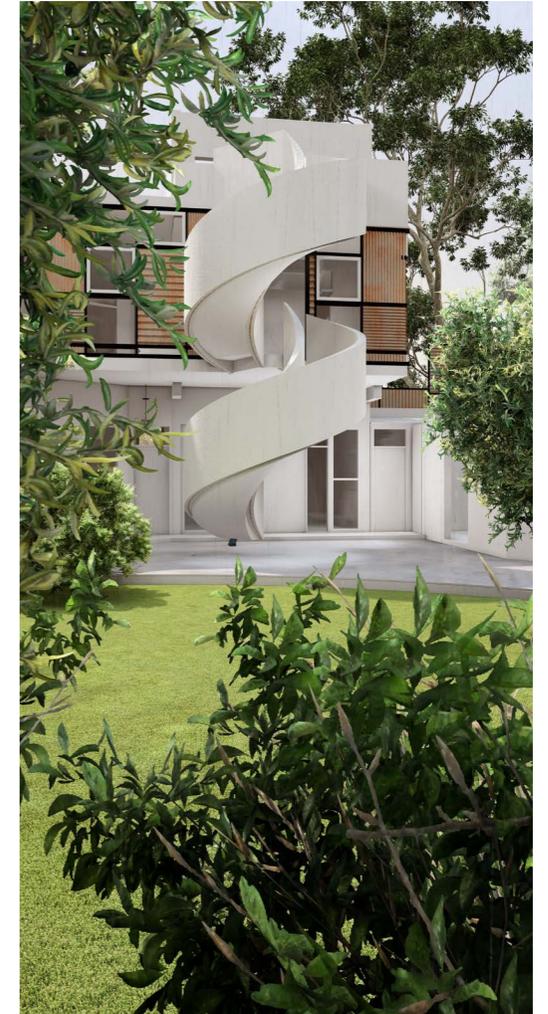


Imagem 3D - Escadas

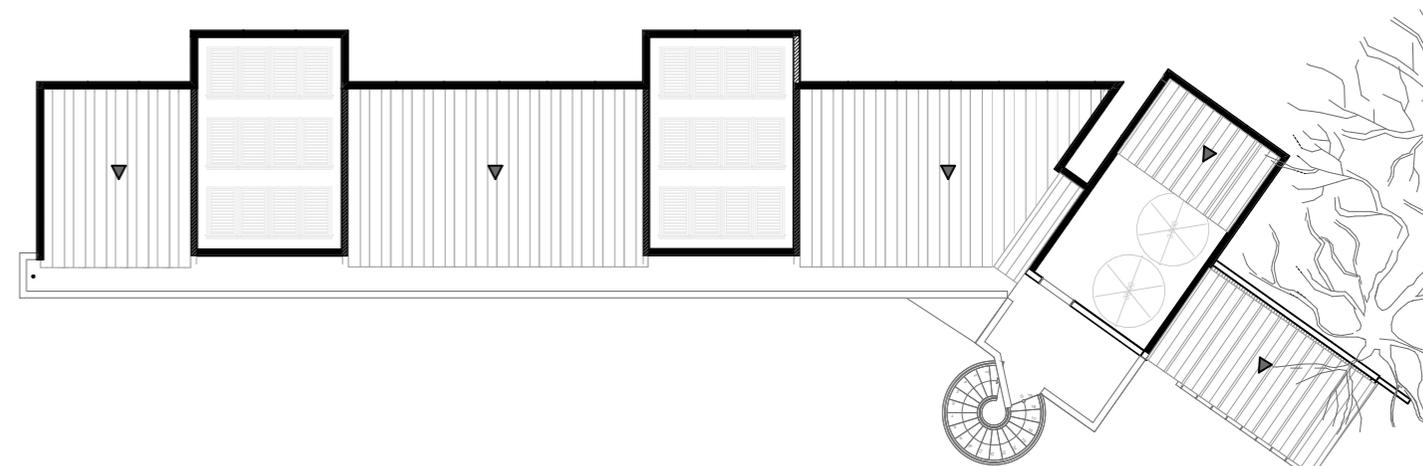
Cobertura

O edifício recorre a dois sistemas distintos de cobertura, seleccionados de forma a responder a critérios técnicos, funcionais e de coerência com a imagem arquitectónica pretendida. As lajes planas em betão armado, e impermeabilizadas, são acessíveis e integram os painéis solares e reservatórios de água, contribuindo para a autonomia hídrica e energética da edificação.

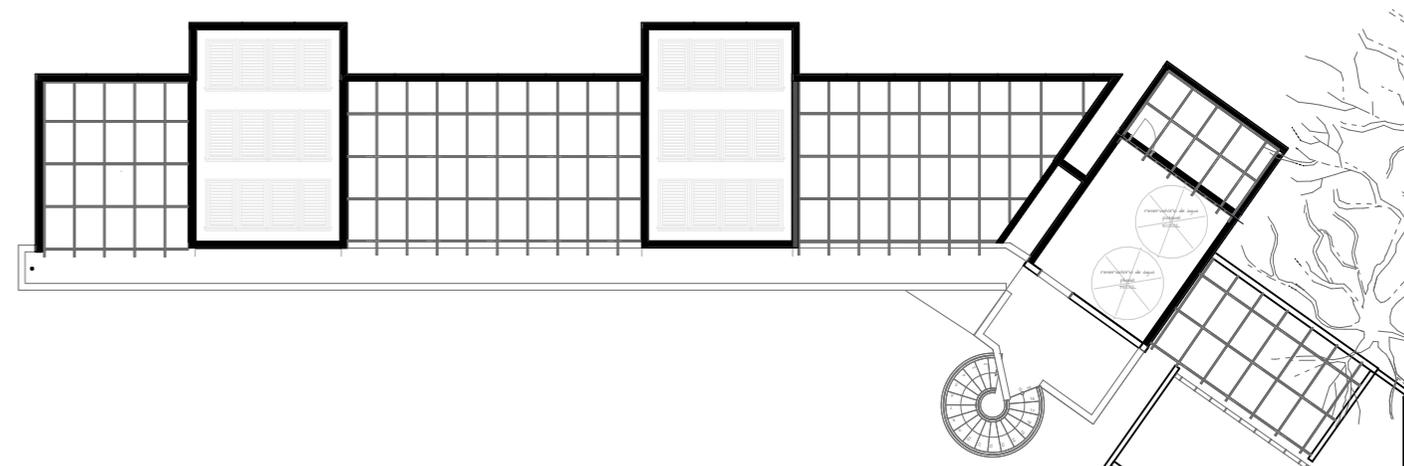
As coberturas inclinadas, em chapa de zinco com estrutura de madeira, são utilizadas sobretudo nas zonas destinadas à recolha de águas pluviais. A sua presença estabelece uma relação formal com as construções tradicionais em madeira e zinco ainda presentes no bairro, promovendo uma leitura contemporânea dessa herança material.



Visualização da cobertura



Planta de cobertura
Esc: 1:250



Planta de estrutura de cobertura
Esc: 1:250

infraestruturas e sistemas complementares

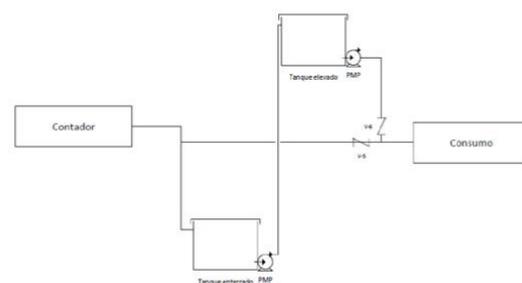
As soluções infraestruturais foram cuidadosamente integradas ao projeto arquitetônico, garantindo não só o funcionamento eficiente dos sistemas, mas também a sua harmonização com o desenho do edifício e as necessidades do usuário.

Infraestrutura de Abastecimento

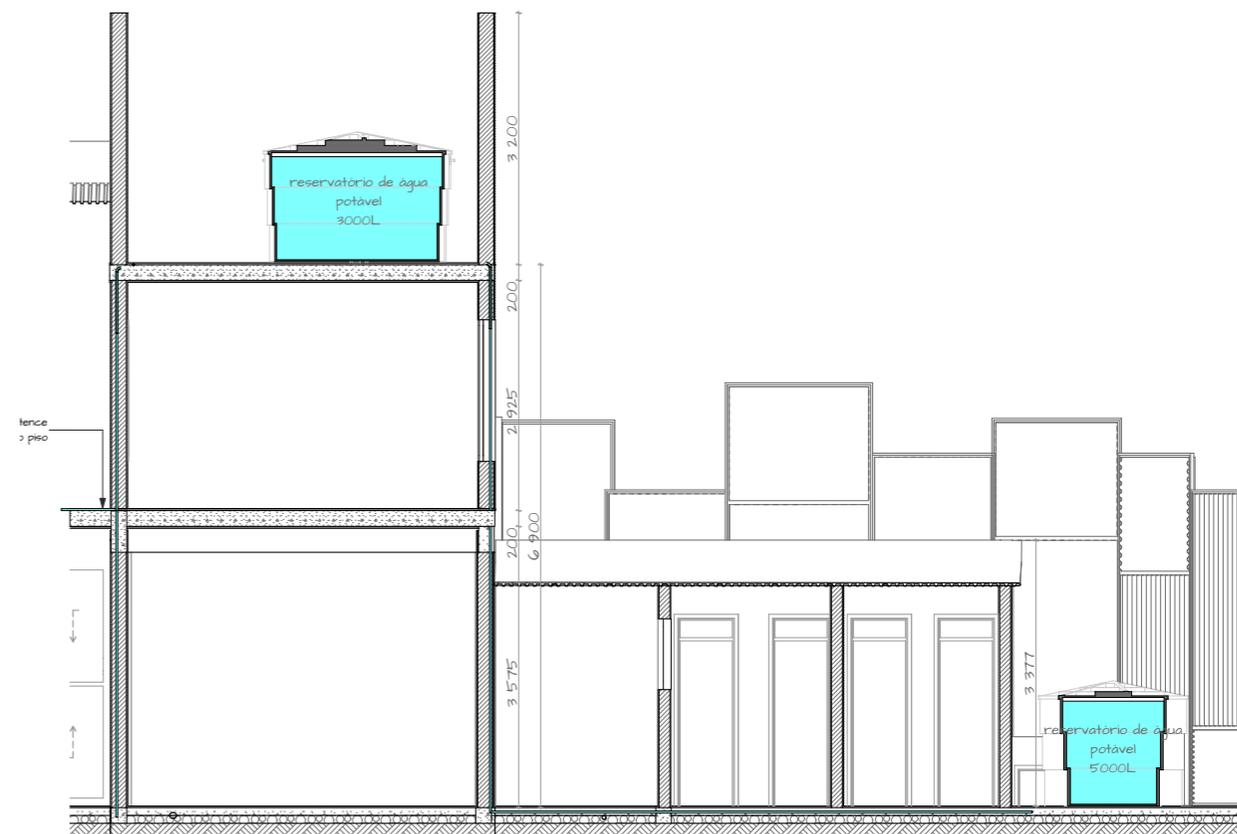
O sistema de abastecimento de água segue o esquema abaixo ilustrado, aonde água proveniente da rede pública que passa pelo contador e é direcionada para o reservatório inferior, com derivação para consumo e válvula de retenção para evitar refluxo. A água do reservatório inferior é bombeada para o reservatório superior por meio de electrobomba. O reservatório superior abastece o edifício com o auxílio de outra electrobomba, e a tubulação é protegida por válvula de retenção. O dimensionamento do sistema considerou o

consumo médio diário de 50 litros por pessoa em edifícios públicos, para 50 usuários, totalizando 2.500 litros por dia. Considerando autonomia para três dias, o volume total projetado é de 7.500 litros. O reservatório inferior tem capacidade de 5.000 litros (60%) e o reservatório superior de 2.500 litros (40%).

A concepção seguiu as especificações técnicas do cliente e as normas do Regulamento dos Sistemas Prediais de Distribuição de Água e de Drenagem de Águas Residuais de Moçambique.



Esquema de abastecimento de água



Corte
Esc: 1:75

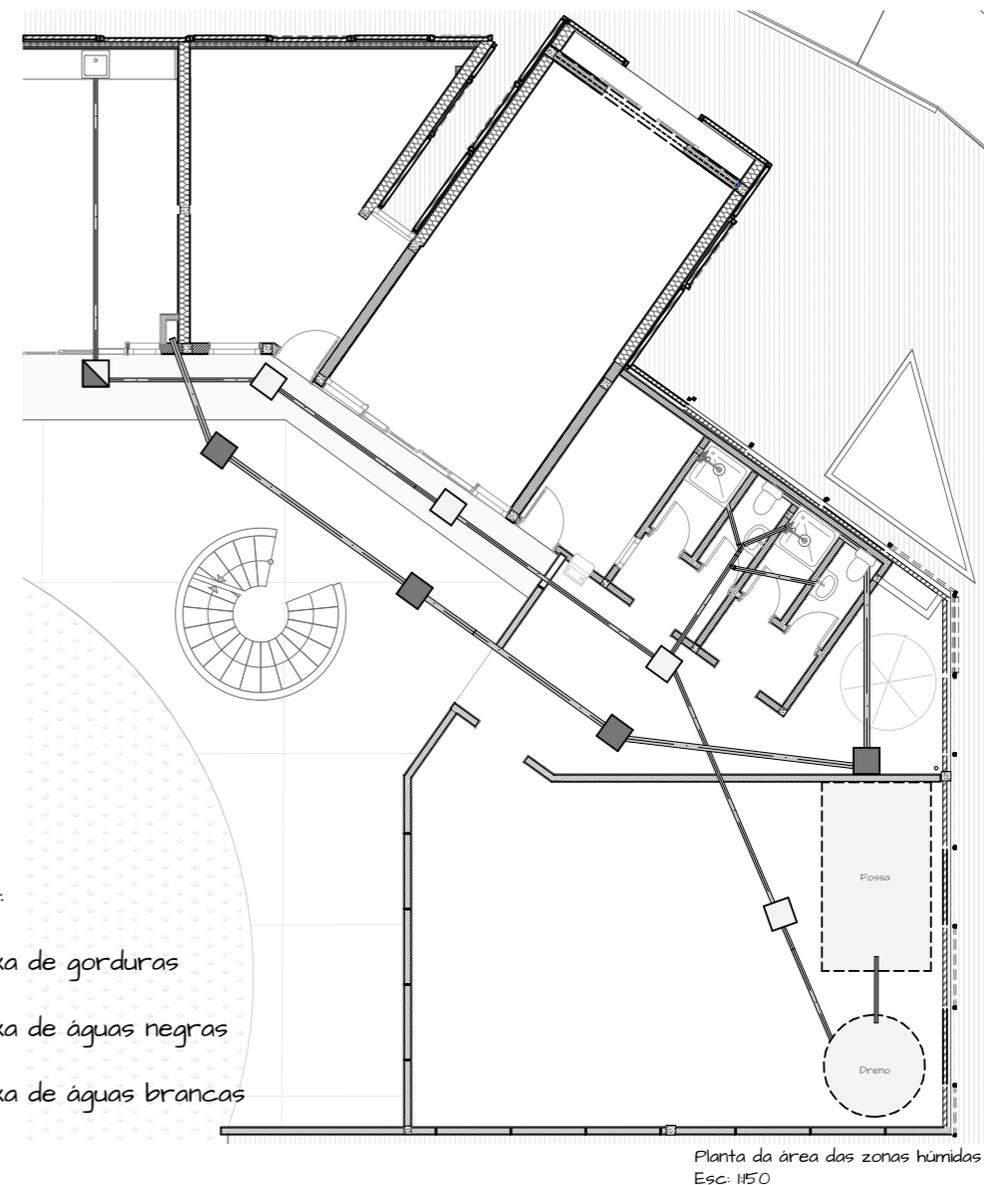
Gestão e Tratamento das Águas Residuais

Para o projeto de saneamento, uma das iniciativas foi concentrar todas as áreas húmidas numa única zona, o que permitiu racionalizar o sistema de esgotos. Essa organização simplifica a rede, facilita a manutenção e reduz custos de instalação.

O sistema distingue águas brancas e gordurosas, que são encaminhadas diretamente ao dreno, das águas negras, que passam primeiro pela fossa séptica antes de seguirem para o dreno. Os tubos de esgoto do segundo piso são direcionados para uma caixa de coleta que otimiza o fluxo e possibilita uma melhor gestão do sistema. A fossa séptica foi dimensionada para atender o volume estimado de esgoto gerado pelo edifício, considerando o número de usuários e o consumo médio diário

de água. Para 50 pessoas, com consumo diário médio de 50 litros por pessoa, calcula-se uma produção diária de esgoto de aproximadamente 2 metros cúbicos.

Para garantir o adequado tratamento e decantação dos resíduos, adotou-se um tempo de retenção de três dias, resultando em um volume total necessário para a fossa séptica de 6 metros cúbicos. Este dimensionamento assegura a eficiência do sistema, minimizando riscos de entupimento e possibilitando a manutenção adequada. A fossa foi construída em blocos maciços, atendendo às condições do solo, garantindo resistência e durabilidade. sendo ainda revestida com reboco impermeável para assegurar estanqueidade e evitar infiltrações.



Infraestrutura Eléctrica

A alimentação do edifício será feita a partir da rede pública local, em baixa tensão (230/400 V – 50 Hz), estando o dimensionamento dos ramais de alimentação a cargo da entidade distribuidora. A distribuição será organizada por pisos, a partir de um Quadro Geral de Baixa Tensão (QGBT) e quadros parciais, com cabos embutidos nas paredes ou enterrados no pavimento.

Sistema de Iluminação

A iluminação do edifício foi planejada para atender tanto aspectos funcionais quanto estéticos, garantindo conforto visual e valorização dos espaços. Para isso, foram escolhidas lâmpadas LED instaladas em candeeiros de design ecológico, fabricados com materiais recicláveis, reforçando o compromisso com a sustentabilidade.

Nos ambientes internos, a iluminação varia conforme a função de cada espaço. Áreas como oficinas e ateliês recebem uma iluminação predominantemente funcional, com luz direta e eficiente para as atividades desenvolvidas. Já espaços como a sala de exposição combinam iluminação funcional e decorativa, utilizando

A aparelhagem de iluminação será para 10A, e todas as tomadas internas serão embutidas da marca EFAPEL.

O consumo energético do edifício foi estimado em 6.000 W por hora de uso contínuo, com uma média de 10 horas de funcionamento diário, resultando em aproximadamente 1.800 kWh/mês. Esta estimativa orienta o dimensionamento da rede e garante margem de segurança para os diferentes equipamentos previstos no centro.

iluminação direcional que destaca obras e elementos arquitetônicos, criando atmosfera agradável e valorizando o conteúdo exposto.

No exterior, a iluminação é pontual e estratégica, realçando a arquitetura do edifício e promovendo segurança, sem causar poluição luminosa. A distribuição da luz foi pensada para ressaltar fachadas e entradas, além de facilitar a circulação em áreas externas.

Este planejamento garante não só a eficiência energética, mas também uma experiência visual agradável e adaptada às diversas necessidades do centro.



Vista frontal do edifício



Vista posterior do edifício

PERFOMECE AMBIENTAL

A performance ambiental deste projecto foi pensada a partir da relação directa com o clima local e as condições do bairro da Mafalala. Procurou-se garantir conforto térmico, boa iluminação natural e ventilação adequada, reduzindo a dependência de sistemas mecânicos e tornando os espaços mais eficientes e saudáveis.

Iluminação natural

A iluminação natural foi potenciada através da orientação do edifício no eixo norte-sul, sendo estas as únicas fachadas com aberturas. Esta decisão responde de forma adequada ao clima local, permitindo o aproveitamento da luz difusa proveniente do norte e reduzindo a incidência directa do sol poente. Como os

Foram aplicadas estratégias passivas como a ventilação cruzada, o sombreamento das fachadas mais expostas, e a correcta orientação dos ambientes em função do percurso solar. A implantação do edifício e o desenho das aberturas permitem a entrada controlada da luz e a circulação do ar, contribuindo para a qualidade do espaço e o bem-estar dos seus utilizadores.

espaços não são profundos, a luz natural atinge com facilidade o interior, assegurando boa visibilidade e conforto visual ao longo do dia. As janelas, de dimensão média e com variação na altura, foram posicionadas de modo a favorecer a entrada controlada da luz

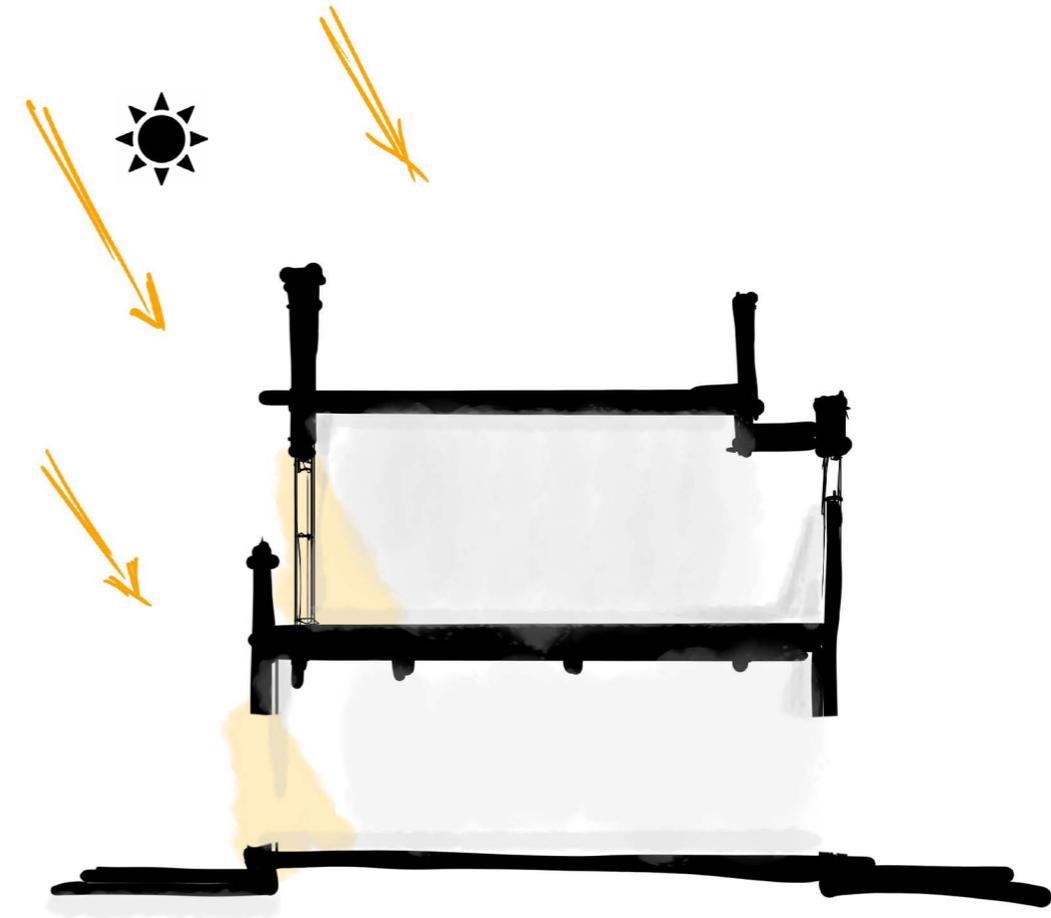


Diagrama da incidência solar

Ventilação natural

O edifício foi projetado para otimizar a ventilação natural, utilizando a pressão do vento e a orientação das aberturas para promover um fluxo de ar contínuo e eficaz, garantindo o conforto térmico dos ambientes internos. As aberturas localizam-se nas fachadas sul e norte, permitindo a entrada do vento pelo sul e a sua saída pelo norte, favorecendo assim uma ventilação cruzada eficaz.

Os espaços internos são amplos e abertos, sem divisórias que bloqueiem o fluxo do ar, o que potencializa a renovação constante do ambiente e contribui para a qualidade do ar interior. Apesar de não haver aberturas específicas para efeito chaminé nem elementos auxiliares como persianas ou ripados, a disposição das janelas possibilita uma circulação natural que responde bem às condições climáticas locais.

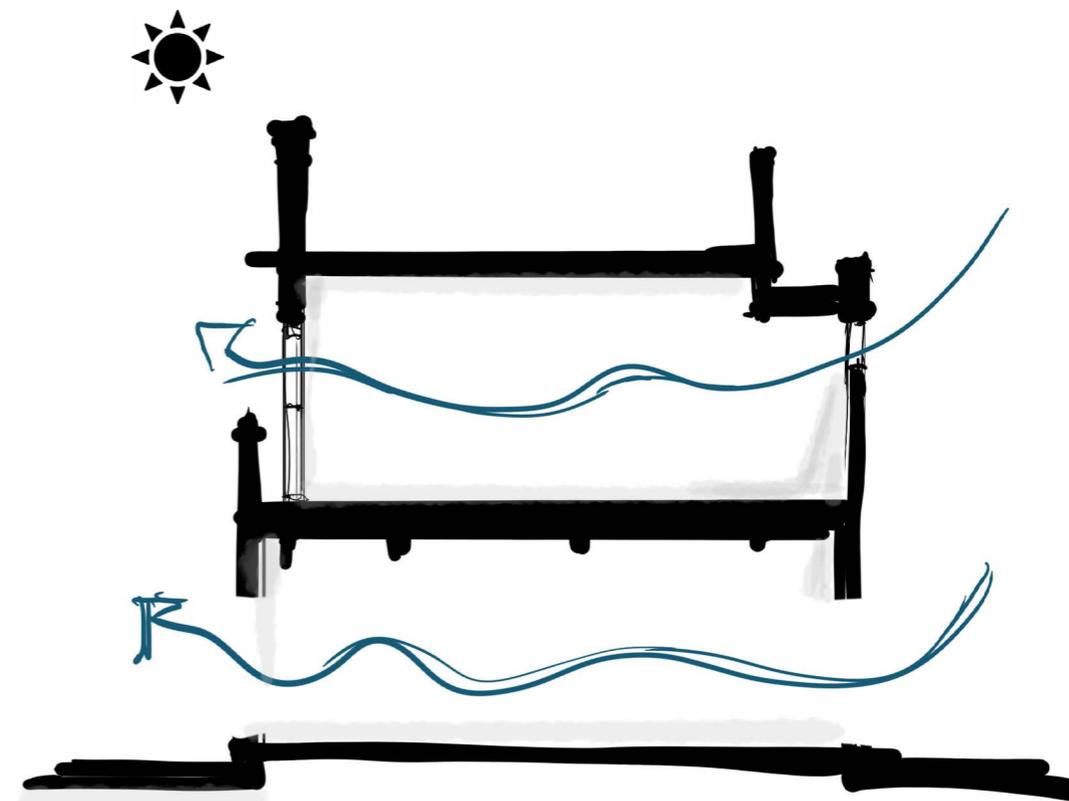


Diagrama da ventilação natural

Uso de energias renováveis e gestão

Uso de energias renováveis

O projecto prevê a instalação de um sistema fotovoltaico composto por 24 painéis solares, cada um com potência nominal de 330 W, totalizando uma capacidade instalada de 7,92 kW. Considerando uma média de 5 horas de sol pleno por dia, a produção diária estimada é de aproximadamente 39,6 kWh, resultando em uma geração mensal em torno de 1.188 kWh. Este sistema cobre cerca de 66% do consumo energético total estimado do edifício, que é de 1.800 kWh por mês, proporcionando uma significativa redução

da dependência da rede eléctrica pública e contribuindo para a sustentabilidade energética do empreendimento. Para armazenamento de energia, foi dimensionado um banco de baterias composto por 24 unidades de baterias estacionárias de 200 Ah e 12 V, com capacidade individual de 2,4 kWh, totalizando 57,6 kWh de energia armazenável. Esta capacidade de armazenamento assegura autonomia energética para períodos sem geração solar, garantindo o funcionamento contínuo dos sistemas essenciais.

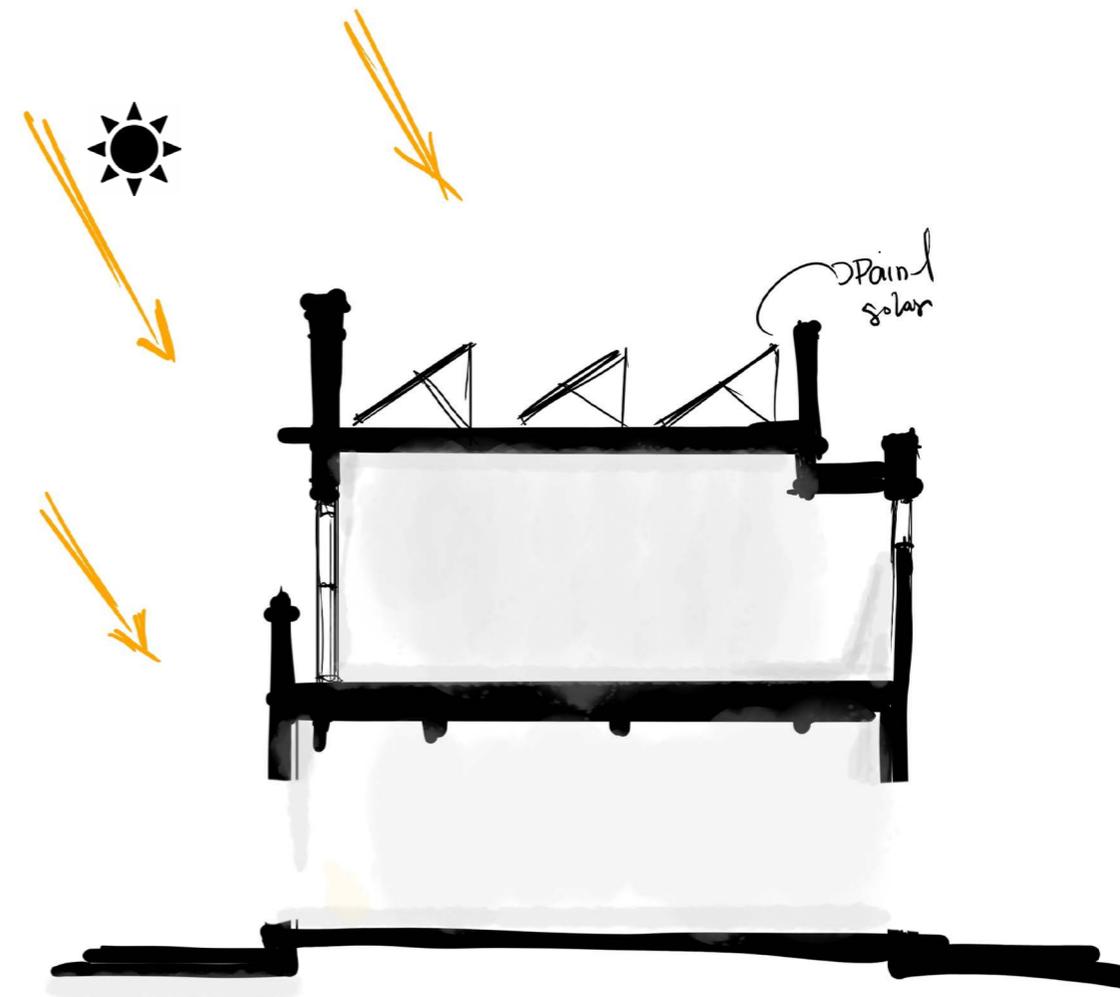
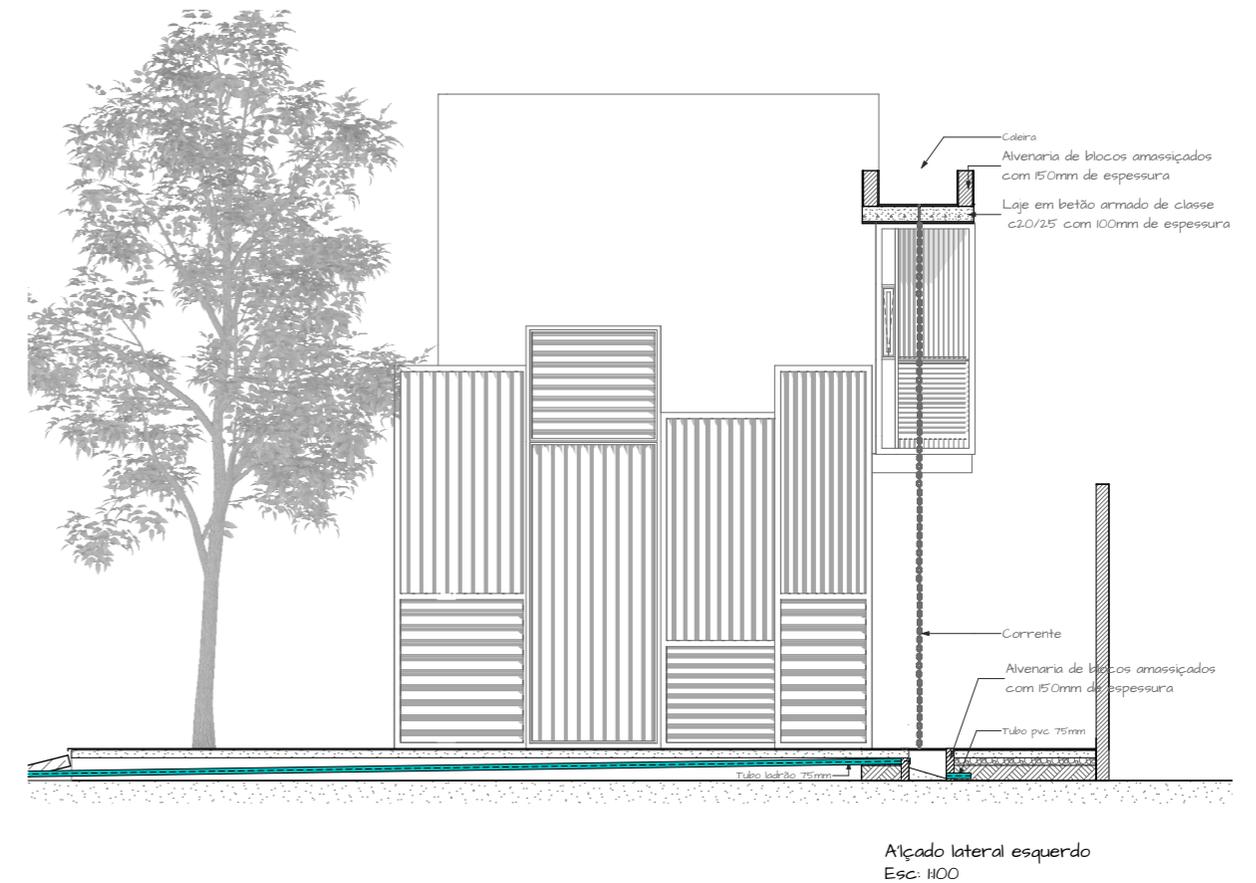


Diagrama da incidência solar sob painéis solares

Gestão de água

Como parte da estratégia de sustentabilidade do edifício, foi incorporado um sistema de aproveitamento de águas pluviais. A cobertura principal, com área de 145 m², associada a um índice pluviométrico médio anual de 829,6 mm e uma eficiência estimada de 80%, permite a captação de aproximadamente 96.216 litros de água por ano, ou cerca de 8.018 litros por mês. Essa água será armazenada em um tanque

específico de **7.500 litros** e poderá ser utilizada para fins não potáveis, como irrigação de jardins, limpeza de pisos e descargas sanitárias, reduzindo significativamente a demanda por água potável e promovendo economia nos recursos hídricos. Esse sistema contribui para a resiliência hídrica do edifício, especialmente relevante em contextos urbanos com infra-estrutura limitada ou pressão sobre os recursos naturais.



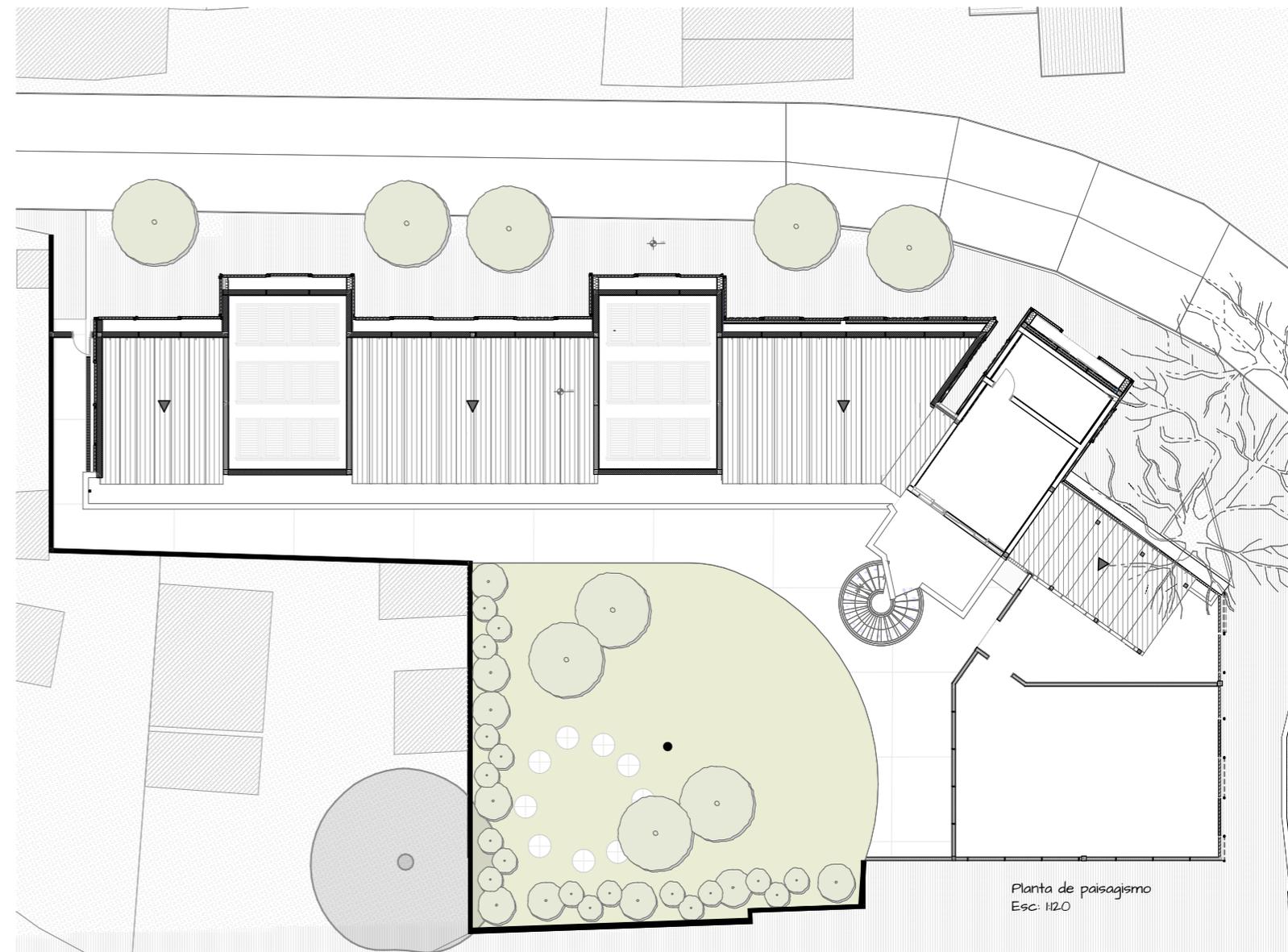
ARRANJOS EXTERIORES

Os espaços exteriores do edifício foram concebidos com uma abordagem minimalista e funcional, privilegiando a integração com o ambiente e a promoção do bem-estar dos utentes. Os principais elementos que compõem estes arranjos incluem um jardim com áreas relvadas e arborizadas, a praça pública denominada “barraza”, os pátios de serviço e os passeios envolventes.

O projecto valoriza o uso de espécies vegetais nativas, de manutenção simples, com destaque para arbustos, frutíferas e árvores de pequeno porte, seleccionadas de forma a proporcionar sombra, conforto ambiental e oportunidades de cuidado e contemplação actividades que também funcionam como recurso terapêutico para os utentes do centro.

Nos passeios foi utilizado betão, garantindo durabilidade e facilidade de manutenção, enquanto as áreas ajardinadas mantêm um carácter natural. A barraza foi concebida como um espaço de convívio público inspirado nas práticas locais do bairro da Mafalala. Os bancos presentes neste espaço reinterpretam, de forma contemporânea e minimalista, as tradicionais barrazas moçambicanas estruturas comunitárias destinadas ao encontro e à convivência social.

A iluminação pontual assegura a segurança e a ambiência nocturna, reforçando o carácter acolhedor e comunitário do espaço. A composição dos arranjos exteriores contribui para a humanização da envolvente ao edifício, com soluções simples e de baixa manutenção, culturalmente enraizadas e ambientalmente conscientes.





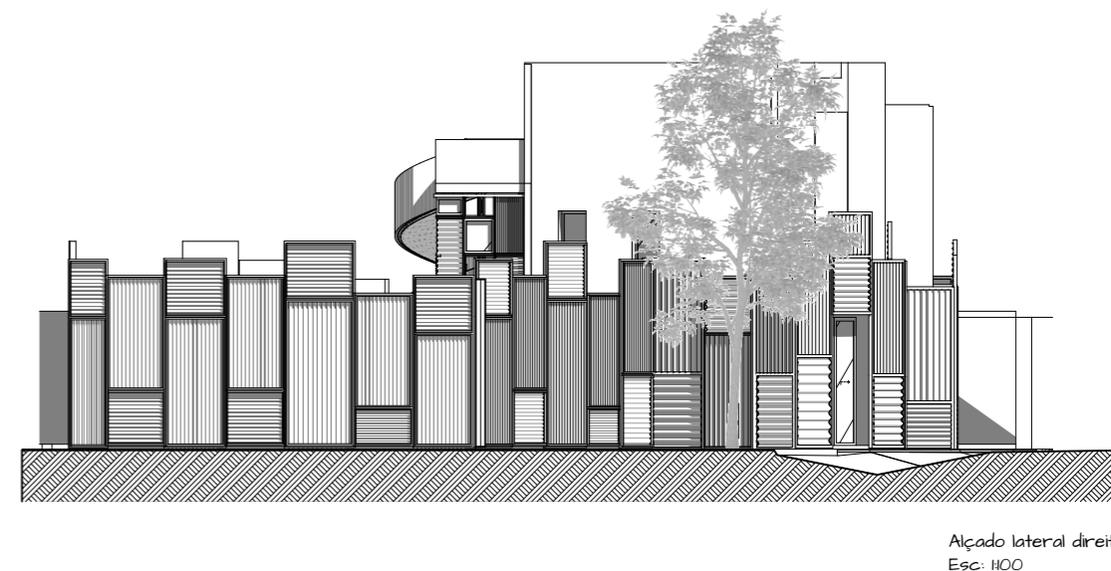
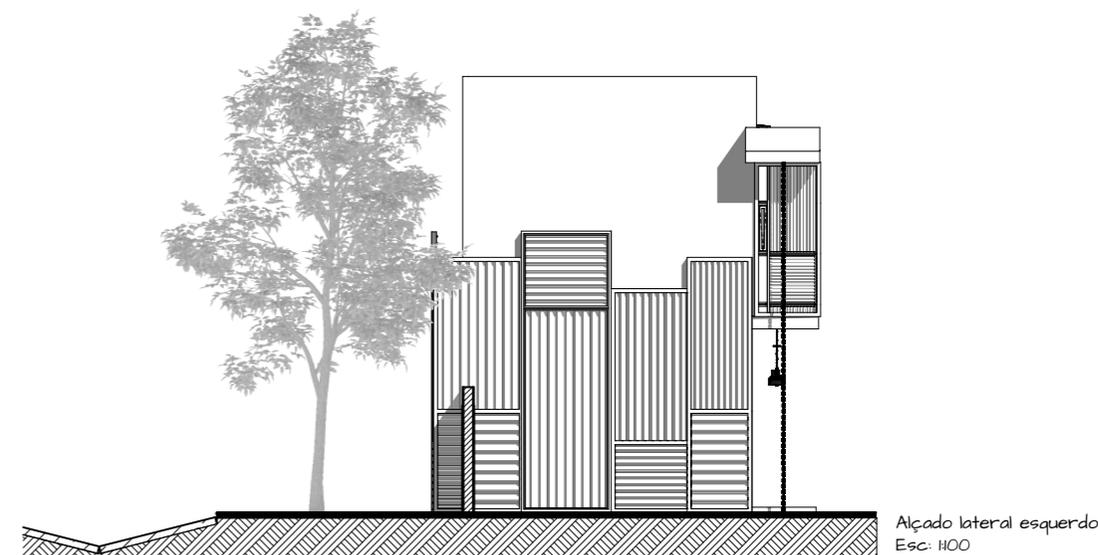
IDENTIDADE VISUAL

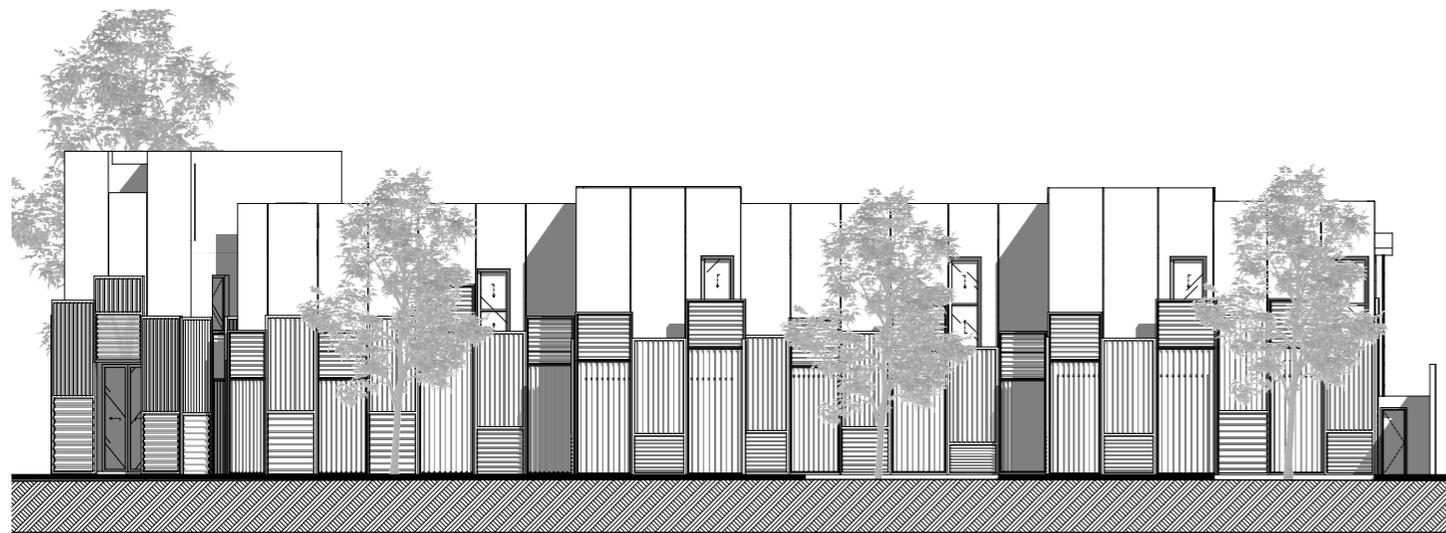
A identidade visual do edifício foi concebida com o intuito de estabelecer uma relação simbólica e respeitosa com o bairro da Mafalala, reflectindo a memória colectiva e os códigos estéticos do seu tecido urbano. Optou-se por uma paleta de cores neutras, permitindo que a construção se integre de forma discreta e serena no ambiente envolvente, sem criar rupturas visuais com o contexto imediato.

A chapa de zinco, material dominante na fachada, é uma referência directa às construções tradicionais em madeira e zinco que caracterizam a paisagem do bairro. A sua presença não só traduz uma escolha prática e económica, mas assume também um papel simbólico, representando

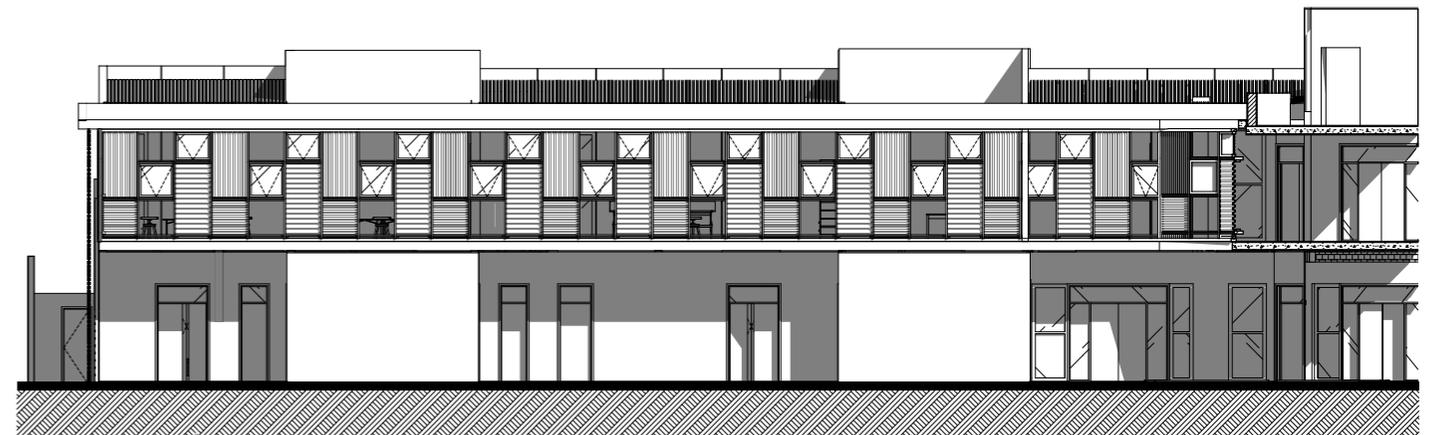
a arquitectura vernacular local. Esta fachada metálica apresenta variações de altura cuidadosamente moduladas, evocando os ritmos visuais das vedações informais encontradas nas ruas da Mafalala.

O desalinhamento propositado das fachadas interpreta, de forma subtil, a malha urbana orgânica do bairro, marcada por alinhamentos irregulares e por uma lógica de ocupação espontânea do território. Assim, o edifício afirma-se como um elemento que dialoga com o lugar: uma presença marcante, mas não invasiva, que valoriza a identidade cultural sem recorrer à imitação literal.

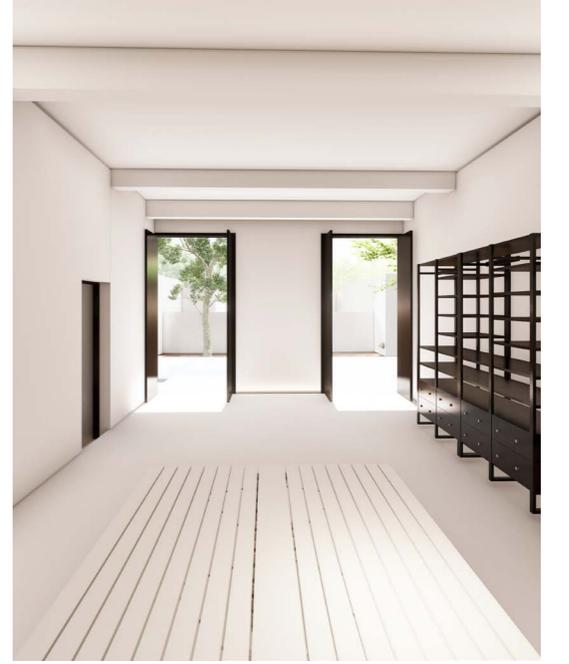




Alçado frontal
Esc: 1:100







ECONOMIA DA CONSTRUÇÃO

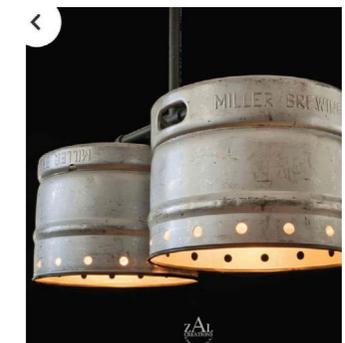
A economia da construção foi uma premissa fundamental ao longo de todo o desenvolvimento do projecto, sem comprometer a qualidade espacial e construtiva. Adoptaram-se diversas estratégias para garantir um equilíbrio entre viabilidade económica e eficiência arquitectónica, com destaque para o uso de materiais locais, técnicas construtivas simples e mão de obra proveniente da própria comunidade.

Grande parte das soluções adoptadas seguem uma lógica padronizada e modular, o que facilita a execução da obra, reduz desperdícios e contribui para o controlo de custos. Elementos de reaproveitamento e reciclagem têm papel central na abordagem construtiva: as chapas metálicas provenientes das casas que serão demolidas no processo de reassentamento serão reutilizadas na composição das fachadas, e todas as

luminárias do edifício serão produzidas com materiais reciclados, como botijas de gás descartadas, baldes metálicos, latas, jantes de bicicletas e pedaços de madeira.

Alguns espaços foram concebidos com carácter polivalente, contribuindo para uma gestão mais económica e flexível do programa funcional. A recepção, por exemplo, também funciona como sala de exposições, e a sala de terapia em grupo pode igualmente ser utilizada como sala de aulas, permitindo múltiplos usos sem necessidade de construir áreas adicionais.

Esta abordagem permite não apenas uma construção mais acessível, como também promove o envolvimento da comunidade e o aproveitamento consciente dos recursos disponíveis, alinhando-se aos princípios de sustentabilidade e pertença local que orientam o projecto.



ESTIMATIVA DO CUSTO DO PROJECTO

A construção do centro foi pensada para ser viável, eficiente e sensível à realidade local. A estimativa de custos baseia-se em valores médios por metro quadrado, de acordo com o tipo de espaço e os padrões de construção em Moçambique.

Para as áreas técnicas e polivalentes, como a recepção (que também funciona como sala de exposições) e a sala de terapia em grupo (que pode ser usada como sala de aulas), os custos variam entre 500 a 600 USD/m².

Os espaços interiores comuns, como escritórios e salas administrativas, situam-se entre 350 a 450 USD/m².

As áreas húmidas, como casas de banho, lavandarias e cozinhas, exigem maior investimento em acabamentos, impermeabilização e redes técnicas, com

custos estimados entre 550 a 650 USD/m². As áreas exteriores ajardinadas, que incluem jardins, pátios e o espaço da barraza, foram estimadas entre 250 a 300 USD/m², assim como os passeios e calçadas em betão.

Além destes valores, foi considerada uma margem adicional de 10% para contingências, destinada a cobrir imprevistos, variações no custo de materiais ou pequenas alterações no decorrer da obra.

Ao custo total estimado da obra acrescenta-se ainda 17% de IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado), conforme previsto na legislação fiscal moçambicana.

Considerando todos os parâmetros e áreas do projecto, o custo total estimado da construção é de **368.341,28 dólares americanos**.

ESTIMATIVA DE CUSTOS					
	ESPAÇO	QUANT.	ÁREA m ²	PREÇO UNITÁRIO	PREÇO TOTAL
Pavimento térreo	SECTOR ADMINISTRATIVO				
	Recepção, sala de exposição	1	37	\$ 500,00	\$ 18 500,00
	Administração	1	24,5	\$ 450,00	\$ 11 025,00
	SECTOR DE FROMAÇÃO				
	Salao de cabeleleiro	1	16,9	\$ 600,00	\$ 10 140,00
	Marcenaria	1	56,2	\$ 600,00	\$ 33 720,00
	Serralharia	1	53,3	\$ 600,00	\$ 31 980,00
	Alfataria	1	42	\$ 600,00	\$ 25 200,00
	ESPAÇOS EXTERIORES				
	Ginásio e meio campo de basket	1	74,4	\$ 300,00	\$ 22 320,00
	Áreas ajardinadas	1	212,7	\$ 100,00	\$ 21 270,00
	Galerias e corredores		35,45	\$ 150,00	\$ 5 317,50
	SECTOR SUPORTE LOGÍSTICO				
	Copa	2	27,3	\$ 500,00	\$ 13 650,00
	Sanitários	2	2,1	\$ 500,00	\$ 1 050,00
Balneários	2	2,1	\$ 500,00	\$ 1 050,00	
Arrumo	2	4	\$ 150,00	\$ 600,00	
Segundo pavimento	SECTOR DE TERAPIA EM GRUPO				
	Sala terapia em grupo	1	35	\$ 450,00	\$ 15 750,00
	Biblioteca		30	\$ 450,00	\$ 13 500,00
	SECTOR DE TERAPIA OCUPACIONAL E CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL				
	Atelier de pintura	1	40,4	\$ 450,00	\$ 18 180,00
	Atelier de ceramica	1	34,3	\$ 450,00	\$ 15 435,00
	Atelier de artesanato	1	34,4	\$ 450,00	\$ 15 480,00
	Atelier de mosaico	1	33,7	\$ 450,00	\$ 15 165,00
	Sanitários	2	1,4	\$ 500,00	\$ 700,00
					\$ 290 032,50
				\$ 29 003,25	
				\$ 49 305,53	
	Total			\$ 368 341,28	

EVOLUÇÕES DO PROJECTO

Cada projeto começa com uma ideia simples, mas ao longo do caminho, desafios e descobertas levam a mudanças que enriquecem o resultado final. Este foi o percurso desta proposta, que partiu de [breve descrição da ideia inicial], enfrentou [mencione algum desafio ou reflexão], e evoluiu para [resultado final]. Essa caminhada mostra como repensar e adaptar é parte fundamental do processo criativo.

1. Primeira versão

Nesta fase inicial, embora ainda não houvesse um terreno definido, já estava claro que o projecto se implantaria na Mafalala. Mesmo sem um conceito arquitectónico consolidado, havia o desejo de reflectir a identidade do bairro através da proposta. A inspiração surgia nas coberturas de duas águas, características da zona, e num “cinturão” em chapa de zinco que envolveria o edifício. No centro, um pátio interno começava a ser idealizado como elemento central da composição.

2. Segunda versão

Com a definição do espaço ainda que bastante limitado, manteve-se a intenção de utilizar coberturas de duas águas como referência à arquitectura vernacular da Mafalala. Nesta fase, surge também o desejo de representar um dos fenómenos urbanos mais característicos do bairro: o beco que conduz a uma pequena praça. A proposta passou, então, a integrar essa lógica espacial, em que a entrada do edifício guia simbolicamente o membro até à sala de terapia em grupo, numa metáfora arquitectónica do “caminho para a liberdade”.

3. Terceira versão

Nesta fase, as ideias relacionadas à linguagem arquitectónica mantiveram-se, preservando elementos como as coberturas de duas águas e a valorização do percurso simbólico. No entanto, o projecto passou por mudanças significativas no programa de espaços, o que exigiu adaptações na implantação. Com a introdução

de novas funções e ambientes, tornou-se necessário orientar o edifício paralelamente à rua, de forma a acomodar melhor as exigências do novo programa e garantir o bom funcionamento das relações espaciais.

4. Quarta versão

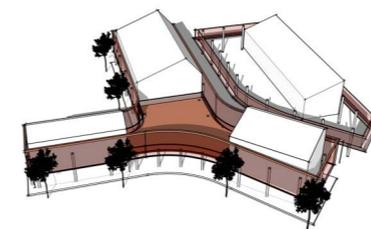
A quarta versão representa um refinamento da proposta desenvolvida na terceira fase, mantendo a base conceptual e as diretrizes arquitectónicas já consolidadas. Nesta etapa, o foco recaiu na resolução de aspectos técnico-construtivos, com maior atenção aos detalhes de materiais, sistemas construtivos e articulação entre os espaços.

5. Quinta versão

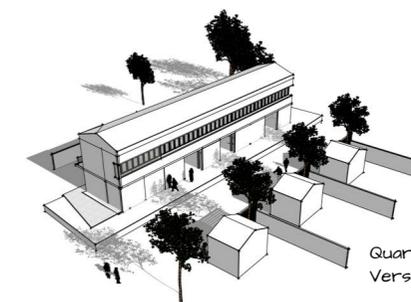
Nesta fase, o conceito final começa a consolidar-se. Surge a ideia da dupla fachada: uma representando o passado da Mafalala, com elementos inspirados nas construções tradicionais do bairro, e outra simbolizando o presente e o futuro, com uma linguagem mais contemporânea. A proposta passa a incorporar com mais força o simbolismo da transformação e da continuidade, refletindo a identidade em mudança do local.

6. Sexta e penúltima versão

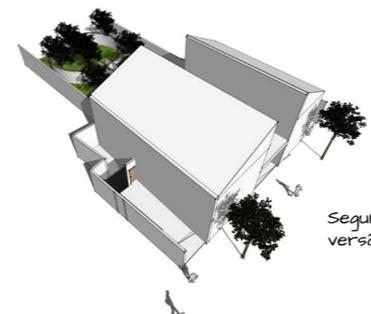
Nesta penúltima versão, todas as ideias principais já estavam consolidadas o programa, a implantação, os conceitos formais e simbólicos. O que ainda faltava era acrescentar poesia à arquitetura, traduzir emoção e sensibilidade nos espaços. A partir deste ponto, poucas alterações foram feitas até se chegar ao projecto final.



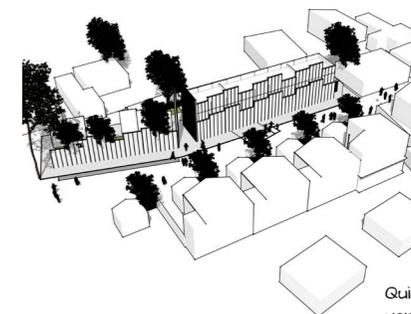
Primeira Versão



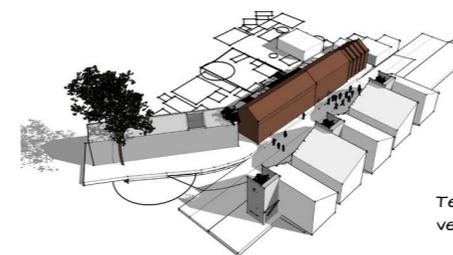
Quarta Versão



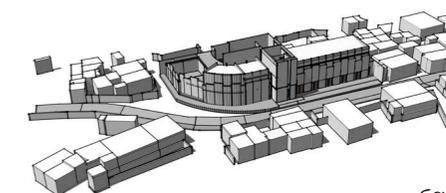
Segunda versão



Quinta versão



Terceira versão



Sexta versão

NOTA CONCLUSIVA

Este projecto é, antes de tudo, uma resposta sensível a uma realidade complexa. A Mafalala não é apenas um bairro é um testemunho vivo de resistência, de história e de identidade colectiva. Ao propor um espaço voltado para a recuperação e formação de indivíduos afectados pela dependência química, este edifício procura tornar-se parte dessa memória activa, reconhecendo que o acto de projectar é, também, um acto de cuidar.

A arquitectura aqui não se limita a resolver funções: ela oferece simbolismos, percorre trajectórias humanas e constrói possibilidades. A escolha de integrar elementos formais que dialogam com o passado e o presente como as fachadas em chapa de zinco e alvenaria, ou o respeito à barraza existente revela um compromisso ético com a paisagem urbana e com as pessoas que a habitam. O pátio central, mais

do que um espaço físico, torna-se lugar de reencontro: consigo mesmo, com os outros, com o mundo.

A organização dos volumes, os fluxos cuidadosamente pensados, a relação com a vegetação e com o chão do bairro, tudo aponta para uma ideia de reabilitação que vai além da clínica. Aqui, recuperar significa, também, reconstruir laços, reocupar o espaço público e reinserir-se simbolicamente na cidade. O edifício não se impõe à Mafalala ele cresce a partir dela.

Este é um projecto que entende a arquitectura como linguagem silenciosa, mas poderosa capaz de traduzir dor em esperança, ausência em presença, e estigma em dignidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anónimo. (n.d.). Livro Azul.
- Anonymous, N. (n.d.). Narcóticos anônimos: um recuso em sua comunidade.
- Francesca Marchina, P. F. (2016). wixsite.com. Retrieved from casaminhanossobair.wixsite.com: <https://casaminhanossobair.wixsite.com/casaminha-pt/projecto>
- González, M. F. (2018, 08 1). Archdaily. Retrieved from Residência Compacta nos Assentamentos Informais de Maputo / Casas Melhoradas: <https://www.archdaily.com.br/br/899219/residencia-compacta-nos-assentamentos-informais-de-maputo-casas-melhoradas>
- INAM. (2024, Abril). Monitoria Climática da Província de MAPUTO. p. 10.
- Johan Mottelson, J. E. (2018). Casas Melhoradas . Copenhagen, Denmark.
- Lab, M. (2017). Cerca de 1 milhão de pessoas sofrem de psicoses em Moçambique. Maputo.
- Lab, M. (2017). Encontrei na REMAR a oportunidade de deixar as drogas. Maputo.
- Laranjeira, I. (2024, 09 14). Cosumo de drogas no bairro Mafalala. (C. Namburete, Interviewer)
- Mottelson, J. (2020, 02 29). mottelson.com. Retrieved from mottelson.com: <http://mottelson.com/index.php/2020/02/29/casas-melhoradas-phase-1/>
- Oliveira, I. B. (2007). Tecendo saberes fenomenologia do tratamento da dependencia quimica. Belém: Universidade Federal do Pará.
- Remígio Chilaule, J. M. (2018). Mafalala Futures. Johan Mottelson & Remígio Chilaule.
- Rui. (2024, 09 16). Alcoólicos Anônimos: experiências de vida. (C. Namburete, Interviewer)
- Sequeira, N. E. (2003). Jovens, Família e a Droga: Um estudo Sobre a Toxicodependência na cidade de Maputo. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane.
- Sousa, A. (2024, 09 16). Narcóticos Anônimos: experiências de vida. (C. Namburete, Interviewer)



CASA SÓBRIA

Este projecto propõe a implantação de um centro de recuperação e formação para dependentes químicos no bairro da Mafalala, em Maputo. Inserido num território com forte valor histórico-cultural e crescente exposição à problemática das drogas, o centro é pensado como uma resposta concreta à urgência da situação.

A proposta inclui uma estratégia de reassentamento in-situ, que permite

a realocação digna de famílias actualmente no terreno, e aposta na integração com o contexto urbano e comunitário. Além do tratamento, o espaço oferece actividades de formação e reinserção social, como carpintaria, serralharia e artesanato.

Mais do que acolher, o centro pretende criar condições reais para a reconstrução de percursos de vida interrompidos.



Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico